

ACADEMIA MILITAR

Evolução da Capacidade *Sniper* no Emprego em Áreas Urbanas

Autor: Aspirante de Infantaria João Dinarte Gramilho

Orientador: Professor Catedrático António José Barreiros Telo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2017



ACADEMIA MILITAR

Evolução da Capacidade *Sniper* no Emprego em Áreas Urbanas

Autor: Aspirante de Infantaria João Dinarte Gramilho

Orientador: Professor Catedrático António José Barreiros Telo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2017

*“Geralmente os Homens preocupam-se mais com o que não conseguem ver
do que com o que a vista alcança”*

Julius Caesar (100 a.C – 44 a.C)

Dedicamos este trabalho
a todos aqueles que estão dispostos a dar a vida
para salvar o próximo.

AGRADECIMENTOS

Terminando este Trabalho de Investigação Aplicada, chega o momento de agradecer a todos aqueles que de algum modo me ajudaram a atingir este marco.

Ao Professor Catedrático José António Barreiros Telo pela orientação e por toda a disponibilidade que demonstrou durante a realização deste trabalho.

À direção do curso de Infantaria pelo apoio em contatos e bibliografia e pelo acompanhamento nestes últimos dois anos.

Aos meus camaradas de curso que me têm acompanhado ao longo de todos estes anos e que irão acompanhar por muitos mais, um muito obrigado por todo o vosso apoio.

A minha família por todos os sacrifícios que fizeram para me tornar em quem sou hoje

E finalmente, mas não de todo menos importante, à minha namorada por todo o apoio e tempo que me dedicou e dedica, pois nunca conseguiria estar onde estou sem ela ao meu lado.

A todos, o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada procura perceber qual a origem e evolução do *sniper*, particularizando o seu emprego em áreas urbanas. Aborda-se o seu emprego, treino e equipamento, separando por nações e conflitos.

Para além de expor a evolução do *sniper* este trabalho visa encontrar lacunas existentes no *sniper* moderno, isto porque partimos da hipótese que a existência de tecnologia implicaria lacunas no treino e emprego porque o *sniper* estaria dependente destas.

A abordagem metodológica seguida neste trabalho foi hipotético-dedutiva, pelo método da análise documental. Foi utilizada principalmente a técnica de recolha de dados a partir de dados documentais e publicações preexistentes.

Concluiu-se que a evolução do *sniper* foi compreensiva e metodológica e que não deixou lacunas identificáveis no seu emprego e treino, conclui-se também que o *sniper* tem um grande destaque no combate em áreas urbanas, devido à precisão do seu tiro e capacidade de identificar alvos, o que o tornam inestimável para evitar danos colaterais, o que no ambiente atual é extremamente importante.

Palavras-Chave: *Sniper*, Evolução, Áreas Urbanas, Lacunas, Inovações

ABSTRACT

The present work aims to understand the origin and evolution of the sniper, specifically its deployment in urban areas. We address its deployment, training, and equipment, separating by nations and conflicts.

To expose the evolution of the sniper this work seeks to find gaps in the modern sniper, this because we hypostatized that the existence of technology would imply gaps in the training and deployment because the sniper would be dependent on these.

The approach followed in this works was hypothetic-deductive by documental analysis method. It was mainly used data form preexisting documents and publications.

We conclude that the evolution of the sniper was comprehensive and methodologic and that there were no identifiable gaps in its deployment and training, we also conclude that the sniper has a major role in Urban Warfare, due to the precision of its fire, and the ability to positively identify targets, which makes him invaluable to avoid collateral damage, which in the current environment is extremely important.

Key-Words: *Sniper, Evolution, Urban Areas, Gaps, Inovations*

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	I
DEDICATÓRIA.....	II
AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
ÍNDICE GERAL	VI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VIII
LISTA DE ANEXOS	IX
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	X
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA.....	3
1.1 Corpo de Conceitos	3
1.2 Caraterísticas do Combate em Áreas Urbanas	4
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	5
2.1 Tipo de Abordagem.....	5
2.2 Questão Central e Questões Derivadas	6
2.3 Hipóteses.....	6
CAPÍTULO 3 - ENQUADRAMENTO GERAL	8
3.1 Origem do termo Sniper	8
3.2 Os Primeiros Snipers.....	8
3.3 A Era do Sharpshooter	9
3.4 Guerras do fim do Século XIX	10
CAPITULO 4 - SNIPER DO SÉCULO XX	13
4.1 Primeira Guerra Mundial	13

4.1.1	O Sniper Alemão	13
4.1.2	O Sniper Britânico e da Commonwealth	14
4.1.3	O Sniper Francês	17
4.1.4	O Sniper Americano.....	18
4.1.5	Conclusão	18
4.2	Segunda Guerra Mundial	20
4.2.1	Sniping Russo.....	20
4.2.1.1	Guerra do Inverno.....	20
4.2.1.2	Operação Barbarossa.....	21
4.2.1.3	Treino Sniper	22
4.2.1.4	Snipers femininos	23
4.2.2	O sniper alemão na 2ª Guerra Mundial	24
4.2.2.1	Treino	25
4.2.2.2	Equipamento	26
4.2.2.3	Combater os Russos e o Frio	27
4.2.3	A Guerra no Pacífico.....	29
4.2.4	Snipers Britânicos e da Commonwealth	32
4.2.5	A Frente Ocidental	33
4.3	A Guerra Fria	38
4.3.1	As primeiras Espingardas de Longo Alcance.....	39
4.3.2	Guerras Localizadas	39
4.3.3	O emergir do terrorista	41
4.3.4	Guerra do Vietname	41
4.3.5	A Guerra das Falklands	43
	CAPITULO 5 - O SNIPER MODERNO	45
5.1	O Novo Equipamento.....	45
5.2	Sniping de Grande Calibre.....	46
5.3	O Ambiente Atual.....	47
	CONCLUSÕES	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
	ANEXO A - EQUIPAMENTO	I

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Fecho de Percussão	I
Figura 2– Fato Ghillie	I
Figura 3– Replica moderna do Fato “amoeba”	II
Figura 4– Sniper Britânico na 2GM com um SMLE No4 (T)	III
Figura 5 - Espingardas M1-C e M1-D	IV
Figura 6– Esquema de um supressor	IV
Figura 7– Soldado Americano com XM21 no Vietname	V
Figura 8– Chuck Mawhinney com a sua M40-A1	VI
Figura 9– Marine Scout/Sniper em Treino	VII
Figura 10– Espingarda de ferrolho Parker-Hale M82	VIII
Figura 11– Sniper de Operações Especiais Português com uma L96A1	IX
Figura 12– Diversidade de munições	X
Figura 13– Alça de visão noturna Passiva Simrad KN250	XI
Figura 14– HMMWV com Sistema Boomerang	XII
Figura 15– Marine Scout/Sniper com MK14 EBR	XIII
Figura 16- Soldado do Exército dos EUA com uma M110 SASS no Iraque	XIV
Figura 17– Paraquedista britânico com uma L129A1	XV
Figura 18– Soldado Russo equipado com Dragunov SVD	XVI
Figura 19– Sniper equipado com Barrett M82A1	XVII

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – EQUIPAMENTO.....	I
-----------------------------------	----------

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

ANZAC	<i>Australian and New Zealand Army Corps</i>
ARVN	<i>Army of the Republic of Vietnam</i>
BAR	<i>Browning Automatic Rifle</i>
CAU	Combate em Areas Urbanas
DOA	<i>Department of the Army</i>
DOD	<i>Department of Defense</i>
ENP	Estágio de Natureza Profissional
EUA	Estados Unidos da América
IESM	Instituto de Ensino Superior Militar
ML	Metralhadora Ligeira
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NVA	<i>North Vietnamese Army</i>
NSA	<i>NATO Standardization Agency</i>
OAv	Observador Avançado
ONU	Organização das Nações Unidas
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TPO I	Tirocino para Oficial de Infantaria
TCor	Tenente-Coronel
USMC	<i>United States Marine Corps</i>
VC	Vietcong

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) insere-se no Estágio de Natureza Profissional (ENP), componente do Tirocínio para Oficial de Infantaria (TPO I), e tem o objetivo de levar o futuro oficial dos quadros permanentes do Exército Português a “aplicar competências e desenvolver a capacidade de compreensão que permita e constitua a base de desenvolvimento e/ou de aplicações originais, em ambiente de investigação aplicada, nos domínios da segurança e defesa e, em particular, na sua área de especialização.”¹ O tema deste trabalho é: “A Evolução da Capacidade *Sniper* no Emprego em Áreas Urbanas”.

Tal como afirmam Quivy & Campenhoudt, (2005; p19) um trabalho de investigação visa “compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, fazer inteligentemente o ponto de situação, captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, reflectir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política,” ou ainda compreender como determinadas pessoas apreendem um problema. Assim, este TIA, tal como qualquer outro estudo, para além de aumentar as capacidades de investigação do autor, almeja aprofundar o conhecimento numa área específica do saber. Não sendo apenas uma descrição do evoluir do *Sniper*, mas procurando ultimamente obter ensinamentos, de modo a expor valências que possivelmente se perderam no decorrer do tempo. Este estudo académico apresenta-se assim, não só como um guia prático de treino e empenhamento do *sniper*, utilizável por militares numa perspectiva de combate, mas também como uma publicação explicativa da situação para qualquer leitor interessado.

A actual introdução visa enquadrar o leitor e justificar a escolha desta temática, além de apresentar os objetivos, a pergunta de partida e estrutura deste trabalho.

Este trabalho enquadra-se no âmbito da História, Relações Internacionais e Estratégia tendo assim bastante relevância para os militares em particular, e para os aficionados da história militar em geral. Revela-se ainda de especial importância porque, para além de abordar a perspectiva histórica procura obter ensinamentos para culminar num eventual melhor emprego do *Sniper*.

¹ Regulamento do Tirocínio para Oficial do Quadro Permanente do Exército e da Guarda Nacional Republicana, anexo à Ordem de Serviço nº145 de 29Jul15.

O *Sniper* é historicamente um dos meios mais versáteis e eficazes ao dispor de um comandante e este tem vindo a sofrer alterações quer a nível de equipamento quer de treino e doutrina que poderão ter originado perdas de valências e como tal poderá produzir lacunas no emprego do *Sniper* moderno e devido a abrangência e complexidade desta temática, tivemos de restringir a investigação. Optamos por abordar com mais detalhe a parte com mais interesse para o combate atual e esta é o emprego em Áreas Urbanas.

Definimos como objetivo deste trabalho determinar se haverá valências na capacidade *Sniper* em Áreas Urbanas que se perderam no decorrer do século XX e XXI, culminando em aconselhar mudanças na formação e emprego do *Sniper* em áreas urbanas de modo a tornar mais versátil e principalmente eficaz um dos meios mais eficazes do Campo de Batalha

O presente TIA pretende responder à seguinte pergunta de partida: **Existirão valências perdidas pelo *Sniper* no decorrer do tempo que aplicadas atualmente tornem o *Sniper* num meio ainda mais eficaz aquando do emprego em Áreas Urbanas?**

O trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos sendo que o capítulo 1 aborda a revisão da literatura, o capítulo 2 aborda a metodologia de investigação, o capítulo 3 aborda enquadramento geral e origens do *Sniper*, o capítulo 4 aborda a evolução e emprego do *sniper* século XX, o capítulo 5 aborda a evolução e emprego do *sniper* moderno e culminando com as conclusões e recomendações do trabalho.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA

No presente TIA é analisada a relação entre os seguintes conceitos: *Sniper*, *marksman*, *sharpshooter*, áreas urbanas. No decorrer da revisão literária desta investigação demos conta que a literatura específica sobre este tema não está particularmente desenvolvida devido à natureza do emprego do *sniper* e como tal muitos documentos ainda se encontram classificados.

Para abordar as origens e evolução do ‘*sniper*’ até sensivelmente à 1ª Guerra Mundial apoiamo-nos nos livros *Military Sniper since 1914* (2008); *Sniper, History of the US Marksman* (2009) e *Out of Nowhere* (2011) todos de Martin Pegler.

Para abordar a evolução do *sniper* durante o grosso do século XX apoiamo-nos além das supramencionadas nas obras de Breaker McCoy, *Soviet Sniperism* (2006), *Deadly Snipers* (2007) e *Precision Fire Sniper Kill*.(2008) assim como na obra *With British Snipers to the Reich* (2012) de Clifford Shore e na obra de Robert Stirling *Special Forces Sniper Skills*(2012).

Para concetualização apoiamo-nos nas seguintes publicações de referência no Field Manual 23-10 *Sniper Training* (2002) Field Manual 3-06 Urban Operations (2006) Publicação Doutrinária do Exército 3-00 Operações (2012) e no ATP-XX *Urban Operations Tactics* (2015).

1.1 Corpo de Conceitos

Ao longo do trabalho surgem diversos conceitos que poderão suscitar dúvidas

Marksman/Sharpshooter: “Atirador armado com arma de fogo longa capaz de realizar tiro acima da média. Poderá ser equipado com alça telescópica na arma de modo a garantir precisão no alcance mais longo. Poderá fazer parte da orgânica da unidade de manobra e é sempre empregue tendo em consideração a unidade a que pertence”. (Department of the Army [DOA], 2006)

Sniper: “É um indivíduo selecionado, treinado e equipado com uma arma com ou sem alça telescópica que lhe permite executar tiro a curtas, médias e longas distâncias com grande precisão” (DOA, 2002) complementado por “que possui a combinação de tiro de precisão, *fieldcraft* e *stalking*” (Department of the Navy, 1999)

Áreas Urbanas: “Um complexo topográfico e seu terreno natural adjacente, onde a construção criada pelo homem ou a densidade populacional são as suas características dominantes” (NATO Standardization Agency[NSA], 2015)

Alcance Efetivo: Distância a que é possível prever consistentemente a trajetória do projétil, permitindo atingir deliberadamente um alvo, geralmente relacionado com o momento em que o projétil passa de supersônico para subsônico. (DOA, 2008)

1.2 Características do Combate em Áreas Urbanas

A presença de civis é a principal característica das áreas urbanas, devendo-se ao aumento dos conglomerados urbanos e à crescente população urbana. Esta característica influencia diretamente a condução de operações devido ao risco de danos colaterais e à necessidade de reestabelecer os bens que sejam danificados pelo combate. Como tal é de vital importância o uso de armas de precisão e de separar os combatentes dos não combatentes uma vez que independentemente da ameaça, a própria população poderá e irá limitar o movimento e a condução de operações. (NSA, 2015)

A tridimensionalidade do combate é outra das grandes características do CAU, uma vez que a ameaça poderá surgir do nível da rua, dos pisos superiores ou mesmo do subsolo, nos esgotos, túneis e caves. Todos estes acessos servirão para surpreender o opositor e realizar emboscadas, mas para tal é necessário um grande conhecimento destas áreas. (DOA, 2006)

Instintiva e intensa onde a observação e campos de tiro são limitados e o combate próximo ganha importância e sai vencedor quem é mais rápido. Onde a capacidade de combate está correlacionada com o volume e precisão dos fogos. (DOA, 2006)

As características supramencionadas não estão isoladas uma das outras, nem são a únicas que é possível encontrar em áreas urbanas, contudo são as dominantes e como tal são as mais fundamentais para a realização deste trabalho.

:

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Tipo de Abordagem

O presente trabalho está elaborado através da utilização do método científico hipotético-dedutivo, sendo este definido como “um conjunto de procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento. Este conhecimento pode ser completamente novo ou ser o desenvolvimento, a reunião ou o melhoramento de um ou vários conhecimentos já existentes.” (Sarmento, 2013, p.7).

O Método hipotético-dedutivo segundo Sarmento (2013, p.9) “baseia-se na formulação de hipóteses ou conjecturas, que melhor relacionam e explicam os fenómenos”, em suma consiste na elaboração de hipóteses para dar resposta às questões derivadas existentes, em que este método é “logicamente válido pois fundamenta-se na reunião de observações, factos e ideias, que validam as hipóteses” (Sarmento, 2013, p.9). Estas hipóteses são submetidas a uma análise para verificar a validade destas, apresentando assim uma resposta à respectiva questão derivada e consequentemente alterações às hipóteses que não se revelam válidas.

Além do método científico escolhido, num trabalho com este cariz também deve ser escolhida qual a estratégia de investigação a seguir. É então através desta estratégia de investigação que o autor do trabalho vai conseguir fazer uma correta aquisição de informação de acordo com o tema do trabalho. Esta abordagem pode ser de três tipos: quantitativo, qualitativo ou misto (Instituto de Estudo Superiores Militares, 2014). Para este tema em específico, a abordagem que mais se adequa aos objetivos do trabalho é qualitativa.

As estratégias qualitativas são sobretudo descritivas, sendo que o seu produto está em tudo relacionado com a visão do autor em relação aos fenómenos que este investiga, por norma o objetivo deste tipo de abordagem prende-se com a compreensão das perspetivas da realidade de pessoas, grupos e culturas, através da experiência que estes têm sobre o assunto. É uma estratégia onde a relação entre a realidade e a subjetividade, é inseparável. Porque o significado ou a interpretação que o autor confere a algo, não dá para ser traduzido em números (Vilelas, 2009).

Segundo Manuela Sarmento neste tipo de abordagem a informação pode ser obtida por: entrevistas, reuniões do grupo de foco, reuniões do painel, reuniões do barómetro e estudos projetivos (2013). Além de se obter informação através destes meios, a recolha de dados pode ser feita também por análise documental, sendo esta uma técnica que utiliza os documentos para encontrar princípios, objetivos e metas, que nestes se encontram registados (Sousa & Baptista, 2011).

Como é apresentado neste trabalho o método utilizado para a recolha de dados foi análise documental.

2.2 Questão Central e Questões Derivadas

Diversos autores defendem que o início de qualquer trabalho de investigação tem o seu ponto de partida na formulação de uma pergunta de partida ou questão central (QC), que irá servir como barreira delimitadora do que o autor do trabalho se propõe a responder ou a concluir no final do mesmo. Quivy e Campenhoudt escrevem no seu livro que uma boa forma de atuar é “(...) procurar enunciar o projeto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor.”(2005, p.32).

Desta forma a questão central deste trabalho, a que nos propomos dar resposta no final do mesmo é a seguinte: *“Existirão valências perdidas pelo Sniper no decorrer do tempo que aplicadas atualmente tornem o Sniper num meio ainda mais eficaz aquando do emprego em Áreas Urbanas?”*

Durante um trabalho de investigação, após a formulação da questão central, o autor do trabalho pode ter necessidade de criar questões derivadas (QD) que iram auxiliar na resposta à QC, estas QD podem ser criadas através da divisão da QC nas suas diferentes vertentes ou podem surgir da necessidade de informação adicional para responder a esta (Instituto de Estudo Superiores Militares, 2014). Neste caso surgem então duas QD, que são:

QD1 - *Quais as capacidade e emprego do Sniper do século XX?*

QD2 - *Quais as capacidades e emprego do Sniper moderno?*

2.3 Hipóteses

Como proposições conjecturais ou suposições surgem as hipóteses (H), que se apresentam como possíveis respostas às QD, ou seja estas são como previsões de respostas

às QD que deveram ser verificadas se são verdade ou inverdade durante o trabalho, permitindo assim que o autor tenha nestas hipóteses um guia na sua investigação (Sarmiento, 2013)

Tendo presente este conceito supramencionado as hipóteses que se levantam como possíveis respostas às duas QD apresentadas anteriormente são:

H1 – O *sniper* do século XX era predominantemente utilizado em apoio a infantaria e como observador, a sua capacidade destacava-se por possuir equipamento superior à infantaria regular.

H2 – O *sniper* moderno é empregue de forma inovadora devido ao incremento tecnológico que o acompanha, deste modo a dependência da tecnologia implica que existem lacunas na sua formação e emprego.

CAPÍTULO 3 - ENQUADRAMENTO GERAL

3.1 Origem do termo *Sniper*

Desde que existem armas de projeção, que existem homens a usa-las a considerável distância e de posições cobertas, contudo só com o advento das armas de fogo que os atiradores excepcionais adquiriram um título característico. Aquando da organização de eventos desportivos na Europa, em particular na Holanda e Estados Alemães a partir do século XVI que surgiu o termo *scharfschützen* ou *Sharpshooters*, a quem competia neste eventos com mosquetes. (Pegler, 2011)

Já durante o século XVIII surge o termo “*snipe shooting*” fora simplificado para “*sniping*” que viria a significar um tiro acima da média. O *snipe*² é um pássaro pequeno e muito ágil encontrado nos pântanos de Inglaterra e Escócia. Conhecido pelo seu voo errático e pela dificuldade em ser atingido. (Pegler, 2008)

Estes termos viriam a ser deturpados nas cartas escritas pelos oficiais britânicos colocados na Índia, originando propriamente o termo “*sniper*” alguém que foi *snipe shooting* ou *sniping*. Contudo os militares continuavam a utilizar o termo *sharpshooter* ou *marksman*. Este termo só seria pela primeira vez utilizado para os militares durante a 1ª Guerra Mundial, a partir de então serve para designar um atirador armado com Espingarda (com alça telescópica ou não) que opera de uma posição coberta. (Pegler, 2011)

Atualmente, “*sniper*” é usado indiscriminadamente e muitas vezes com intuito pejorativo pelos media para quase todos os atiradores que usam espingardas, e isto é uma grande desconsideração para com os *Snipers*, que muitos lutam pela segurança do seu país. O material é insignificante se quem o usa não possui as habilidades adequadas para o usar, possuir uma espingarda com uma alça telescópica não faz de alguém um *sniper*, até porque alguns dos snipers mais prolíficos da história usavam alças ordinárias. (Pegler, 2008)

3.2 Os Primeiros *Snipers*

Os primeiros relatos de atiradores a operar de posições cobertas com alvos específicos surgem aquando da Guerra Civil Inglesa (1642-1648) onde os alvos eram

² Narceja na Língua Portuguesa

predominantemente oficiais, mas os casos eram raros e tinham pouco ou nenhum efeito nas batalhas. (Pegler, 2008)

Isto iria alterar-se com a Revolução Industrial, durante a Guerra Revolucionária dos Estados Unidos, os Americanos usaram atiradores em uniformes discretos como exploradores e que ocasionalmente abatiam oficiais ou outros comandantes a uma distância e em posições que tornavam o responder por parte dos britânicos impossível, isto devido à introdução do Mosquete Estriado. (Pegler, 2008)

Contudo e mais uma vez, o seu papel foi diminuto no grande panorama da Guerra, que viria a ser decidida por manobras convencionais, em particular da Força Expedicionária Francesa e com apoio naval. (Pegler, 2008)

3.3 A Era do *Sharpshooter*

No final do século XVIII tornou-se obvio que os dias do mosquete de alma lisa estavam contados, e a aquisição de mosquetes de alma estriada começou a processar-se. Em 1798 os britânicos encomendaram 5000 mosquetes do tipo Jäger, os Jägers eram um corpo de elite ao serviço dos estados Alemães e eram conhecidos pelo seu excecional tiro e *fieldcraft*. Estes mosquetes de cano pesado eram baseados em armas de tiro desportivo populares na Prússia e Áustria. Em 1799 foi adotada a um mosquete desenhado por Ezekiel Baker, que eram em tudo semelhantes aos Jägers. (Pegler, 2008)

Estes atiradores não eram usados como *snipers*, mas sim como *skirmishers* um conceito ainda pouco aceite, em particular pelos oficiais do Exército Britânico, que achavam que atiradores isolados era uma ideia radical, mas era isto mesmo o que era esperado destes novos atiradores. Que usam o meio envolvente e que flagelassem o inimigo com tiros deliberados e espaçados, e que não deveriam ceder terreno a menos que conseguissem renovar a sua ofensiva de outra posição. Estes atiradores operavam normalmente aos pares ou em grupos de quatro de modo a flagelar o inimigo de diversas posições em simultâneo, detetando alvos, confundindo e desmoralizando o inimigo. Do ponto de vista da infantaria regular inimiga estes atiradores eram o diabo encarnado, uma vez que causavam baixas muitas vezes sem serem detetados e sempre fora do alcance dos tradicionais mosquetes de alma lisa. (Pegler, 2008)

Estas táticas desenvolveram-se ainda mais com a hierarquia de alvos, abater os alvos consoante o maior prejuízo às forças inimigas, isto é, os oficiais de maior patente e assim sucessivamente, até guarnições de artilharia, sendo que o último alvo seria o regular soldado de infantaria. Ainda assim o abater deliberadamente oficiais demorou a ser aceite,

tornando-se mais praticável quando se constatou a elevada eficácia destas táticas. (Pegler, 2011)

No início do século XIX o mosquete estriado era claramente uma arma de precisão, contudo ainda havia muitas lições a aprender. As Guerras Napoleónicas viram a introdução de unidades de *Sharpshooters* militares adequadamente treinadas, contudo o seu número era ainda reduzido e o seu treino era de *skirmishing* e não de *sniping*. Apesar disso, as táticas que adotaram – observar os movimentos inimigos, criar atrasos, confusão – eram sem dúvida eficazes. Com a utilização de camuflagem, ainda que primitiva – fardas escuras, verdes para os britânicos por exemplos em contraste ao uniforme vermelho da infantaria regular. Sem saberem estes homens estavam a formar a base do desenvolvimento dos *snipers* que viram a ser os especialistas do campo de batalha do século XX. (Pegler, 2011)

3.4 Guerras do fim do Século XIX

A introdução de mosquetes estriados aquando do seu surgimento era difícil, devido aos custos de produção e da sua própria cadência de tiro relativamente ao mosquete de alma lisa, o que tornava o seu uso pelo grosso dos homens pouco prático e certamente dispendioso. Isto alterar-se-ia com o mosquete estriado com fecho de percussão³, o que aliado a produção em massa, viria a alterar profundamente este dogma. Em 1830 e 1850 virtualmente todas as grandes potências militares reequiparam as suas forças com Mosquetes Estriados com Fecho de Percussão, o que apesarem de serem de antecarga tais como as primeiras armas de fogo desde a Idade Média, a sua precisão e alcance eram claramente superiores, ainda mais permitiu o combate em quaisquer condições meteorológicas, a introdução do projétil Minié, o que permitia uma velocidade de carregamento semelhante aos mosquetes de alma lisa e permitia um superior travamento que os projéteis circulares. (Pegler, 2008)

Durante as campanhas de 1853 na África do Sul, o soldado Wickens afirmou que obrigavam o inimigo a procurar proteção a uma distância de 1200 jardas, afirmação impressionante considerando que apenas 20 anos antes um homem considerava-se seguro de fogo de mosquete se estivesse a mais que 200 jardas. (Pegler, 2009)

Com a Guerra da Crimeia (1853-1855) nasceu um novo tipo de guerra: trincheiras, bombardeamentos de artilharia sustentados, e a infantaria a abrir fogo a distâncias até

³ Figura 1 do Anexo A

então reservadas à artilharia. Contudo era muito difícil um homem isolado fazer um tiro verdadeiramente ajustado a grandes distancias, considerando que um homem em pé a cerca de 1000 jardas é significativamente mais pequeno que o ponto de mira dos mosquetes. Foi também neste conflito que o TCor D. Davidson, sem intenção criou a parceria perfeita de *sniping*, o binómio Apontador e Observador. Um homem aponta cuidadosamente a abertura na trincheira pronto a disparar enquanto o outro elemento observa com um telescópio e mal o inimigo surgisse dava sinal e o apontador abria fogo. Foi também Davidson que patenteou uma das primeiras alças telescópica. (Pegler, 2011)

Durante a Guerra Civil Americana (1861-1865) a organização e utilização de *Sharpshooters* foi baseada nos regimentos britânicos das Guerras Napoleónicas, que tinham como objetivo fornecer *skirmishers* e exploradores para as unidades regulares de infantaria, estes eram treinados de modo semelhante aos infantas regulares, em termos de tática e formações, se bem que distinguiam-se destes com um maior sucesso em atingir os alvos. Já nesta guerra começou-se a estabelecer a prioridade de alvos, demonstrando assim alguns dos princípios da atuação do *sniper* moderno.(Pegler, 2011)

Com o decorrer da Guerra Civil Americana, o papel do *sharpshooter* foi evoluindo, a tal ponto que quando era detetada a presença de algum no campo de batalha era imediatamente pedido apoio de *sharpshooters* de modo que começa a surgir o *counter-sniper*. A atuação dos *sharpshooter* era de tal modo eficaz que os homens muitas vezes hesitavam em seguir ordens com receio de serem alvos, fato que foi rapidamente reconhecido pelos comandantes e deste modo começaram em certos momentos a utilizar *sharpshooters* para deter o avanço de unidades inteiras. Devido a isto o *sharpshooters* começaram também a serem alvos prioritários de tal modo que quando um inimigo era abatido havia um grande alvoroço pelos camaradas do responsável.(Pegler, 2011)

Durante os quatro anos de guerra os *sharpshooters* ganharam muita experiencia não só no tiro, mas também em observação, recolha de informações e *stalking*. É virtualmente impossível obter dados exatos sobre a eficácia dos *sharpshooters*, contudo o numero mínimo de generais confederados abatidos por um ‘homem invisível’ foi de seis, demonstrando o efeito que estes homens traziam ao campo de batalha, não só em termos de perda de comando para o inimigo mas também o efeito psicológico que causava aos subordinados inimigos, e assim surge um respeito massivo pelos *sharpshooter* e as suas armas.(Pegler, 2009)

Durante a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) surge o primeiro duelo *sniper* documentado em território europeu, com o advento das Espingardas de percussão central

(Chassepot e Dreyse) surge um alcance ainda superior aos anteriores, e durante um confronto nos arredores de Paris, onde um *sniper* francês estava a abater homem atrás homem prussiano, do interior de um edifício, disparando longe das janelas de modo a não se detetar o tiro. Após três dias a abater prussianos, o *sniper* francês é abatido pelo seu semelhante prussiano, isto porque após determinado tiro aproximou-se da janela para confirmar a morte e foi imediatamente abatido pelo *sniper* prussiano que o estava a ‘duelar’.(Pegler, 2011)

Em 1886 surge em França a pólvora sem fumo (Santos, 2011), que iria propulsionar a balística em particular para o *sniper*, uma vez que além de permitir maiores velocidades, permitia que o atirador fosse virtualmente indetetável, comparativamente à pólvora negra. Isto combinado com a introdução da munição metálica e da espingarda de depósito, permitia aos *snipers* terem uma cadência de tiro sem precedentes (Pegler, 2008). Com o avanço em óticas em particular na Alemanha, o alcance dos atiradores cresceu exponencialmente, havendo na comunidade desportiva atiradores que com uma munição .303 atingir um homem, consistentemente a mais de 600 metros.(Pegler, 2009)

Em 1899, despoleta a Segunda Guerra Boer, na África do Sul, que iria opor os Britânicos, um exército profissional mas convencional, contra os Boers, que eram uma aliança flexível e dispersa de agricultores que devido às particularidades da sua vida tinham um tiro extraordinário(Pegler, 2009). De tal modo era extraordinário o tiro que os britânicos viram-se obrigados a marchar apenas durante a noite, e não tinham com combater estes *snipers*, apesar de terem atiradores excecionais estes não tinham o treino em tiro de longa distância nem de contraguerrilha. Outra grande vantagem para os Boer, além do seu tiro, era a utilização do terreno e equipamento, desde usar roupa discreta e prática a criar os seus ‘ninhos’⁴ e avaliar distâncias, o que se designa de *fieldcraft*.(Pegler, 2011)

Desta guerra resultaram 7.582 mortes das quais 10% eram oficiais⁵, com isto muitos oficiais lembravam-se dos efeitos do fogo Boer e pressionaram o relutante alto comando para criar planos de treino para formar atiradores hábeis, contudo o Exército Britânico estava dedicado a esquecer os assuntos de África do Sul, uma vez que acreditavam que esse tipo de guerra era altamente improvável. (Pegler, 2011)

⁴ Sniper Nest-local onde observação e campos de tiro para o ocupante são claramente vantajosos, sem que o mesmo seja facilmente detetado.

⁵ Ministry of Defense, 1904

CAPITULO 4 - SNIPER DO SÉCULO XX

4.1 Primeira Guerra Mundial

Com os exércitos entrincheirados em França e na Flanders, o período de combate intenso tinha diminuído, contudo havia regularmente homens britânicos a serem abatidos com tiros isolados. Os comandantes e os próprios homens atribuíam isto a munições perdidas, tiros furtivos, contudo os homens começaram a suspeitar que até em zonas calmas havia homens a serem abatidos e regularmente com tiros na cabeça. Começaram a questionar o quão perdidos ou furtivos eram os tiros, em média havia entre 12 e 18 baixas numa linha de batalhão. Os *snipers* alemães eram donos e senhores da linha da frente e não demorou muito a tornarem-se lendários, e com isso os britânicos tentaram combatê-los mas não tinham nem o treino nem o equipamento.(Pegler, 2008)

Regularmente usavam os chamados ‘Sniper Posts’, que eram simples abrigos com pequenos orifícios para observação mas com folhas de metal todo o lado, para proteção e para fazer sombra. Contudo isto não se verificaria eficaz porque no crepúsculo – ‘Sniper’s Ligth’ – a pouca luz que surgia facilitava o tiro, e os observadores descuidavam-se porque achavam que estariam seguros, o que não se verificava, muitos eram abatidos deste modo. (Pegler, 2009)

4.1.1 O Sniper Alemão

Os alemães acreditavam que o *sniping* iria ter um papel preponderante no conflito, de tal modo que o abordaram com extrema praticidade. A cada companhia eram distribuídas diversas espingardas *sniper*, que eram atribuídas pelo comandante de companhia, e uma vez que havia muitos caçadores, desportistas e homens dos Regimentos Jäger, havia um grande leque a escolher para o treino *sniper*. Esta grande vantagem face aos Aliados, em particular Britânicos, não se devia a equipamento, mas sim a cultura e geografia. A grande extensão de florestas na Alemanha e Áustria originavam uma grande população de caçadores, não como desporto, mas como modo de vida, e daí a sua grande proficiência natural em tiro, *stalking* e *fieldcraft*. Assim tinham já as bases formadas para empregar *snipers*, o que faltavam era treino específico que eram ministrados por *snipers* experientes, normalmente dos Regimentos Jäger. Com o decorrer da guerra a abordagem

ao treino mudou, e além do previamente referido, formaram-se Escolas de *Sniper* na retaguarda para fornecer um treino mais estruturados os aspirantes a *sniper*. (Pegler, 2011)

Normalmente, haviam seis Espingardas *Sniper* por companhia e uma seção *sniper*, composta por 24 homens por batalhão. Operavam de posições *sniper*, que necessitariam de dois homens, contudo muitos preferiam operar sozinhos, possivelmente do hábito de perseguir sozinho a presa na floresta. (Pegler, 2008)

Estes *scharfscgützen* operavam com grande liberdade, percorrendo a frente de regimentos inteiros e operando de onde achassem mais adequado, desde esconderijos na Terra-de-Ninguém, a edifícios na retaguarda, ou das próprias trincheiras. Ocupavam posição e começavam a avaliar distâncias, fosse pela carta, fosse por métodos expeditos ou mesmo rastejando a frente da linha e marcar pontos de referencia pessoalmente, estes dados eram transcritos para Cartas de Alcance e eram deixadas em cada posição, para que o *sniper* que viesse depois já possuísse todas as informações do terreno. (Pegler, 2011)

Uma pratica comum por parte dos alemães era o uso de placas de aço com orifícios para observação e tiro, para contrariar esta pratica, os britânicos começaram a empregar armas de grande calibre, desde .333 Jeffery a .600 Express, para serem usadas quase que exclusivamente como armas contra-sniper. O que foi contrariado pelos alemães ao colocar duas placas juntas com um pouco de terra entre elas, assim tornavam-se totalmente impenetráveis (Pegler, 2009)

4.1.2 O Sniper Britânico e da Commonwealth

Durante o primeiro ano de guerra os britânicos estavam em clara desvantagem perante os alemães, não devido à inexistência de grandes atiradores nas suas fileiras mas porque o treino e equipamento dos *snipers* alemães tornava a luta totalmente desigual e uma luta perdido pelos ditos *snipers* aliados. Já no inicio de 1915 chegavam cartas a casa do novo terror - o *sniper*. O que fez o oficiais rapidamente perceber que o efeito psicológico da presença de *snipers* nas proximidades eram em muito superiores a qualquer dano físico. (Pegler, 2009)

Com o final de 1915 os aliados começaram a responder à ameaça *sniper*, mas nisto os britânicos eram claramente deficitários, os canadanos e franceses tinham a sua capacidade *sniper* algo desenvolvida, em particular os canadanos tinham os melhores *snipers* em serviço dos aliados, contudo estes não serviram de exemplo para os britânicos enquanto estes desenvolviam as suas capacidades e isto é notório nas espingardas *sniper* que distribuíram aos homens. Todos os *snipers*, fossem alemães, franceses ou canadanos

usavam quase exclusivamente alças telescópicas axiais⁶ enquanto que os britânicos distribuíam armas com alça lateral⁷, isto foi feito com o intuito de permitir o carregamento com clip, de modo a permitir um maior volume de fogo dos *snipers*. Mas isto traziam muitas mais desvantagens que vantagens, nomeadamente que era impossível para o *sniper* apoiar consistentemente a face na coronha, como tal impedia um tiro consistente, isto combinado com inexistência de grandes volumes de fogo por parte dos *snipers* implicava que cediam algo crucial para o tiro, sem que conseguissem realmente obter algo dessa cedência. Além de dificultarem em muito a utilização de placas de aço, uma vez que a arma estava no orifício e a alça fora deste, a solução eram fazer orifícios maiores mas naturalmente estes acarretam os seus riscos.(Pegler, 2009)

Aquando dos desembarques em Gallipoli as forças que aqui combateram, os Turcos e ANZAC⁸ conseguiam uma ótima eficácia em termos de *sniping* isto porque em ambas as forças os soldados vinham maioritariamente de origens de caçadores, e como tal tinha uma apetência natural para caçar, neste caso homens. Contudo a virtual inexistência de alças telescópicas implicava que os *snipers* atuassem com alças ordinárias e não foi isso que o limitou, utilizando o chamado ‘*snapshooting*’⁹, os ANZAC eram particularmente proficientes nesta técnica, como pode ser avaliado pelo sucesso de um *sniper* em particular nesta campanha, o Soldado Billy Sing, que obteve mais de 200 mortes confirmadas só nesta campanha.(Pegler, 2008)

O treino formal britânico até finais de 1915 era praticamente inexistente, sendo que a pratica mais comum era aprender no ofício e depois ensinar novos *snipers*. No início de 1916 foi estabelecida a primeira escola de *Scouting, Observation and Sniping (SOS)*¹⁰, inicialmente procuraram formar apenas oficiais e sargentos, sendo que estes iriam posteriormente formar os soldados já no terreno, isto veio a comprovar-se muito ineficiente uma vez que havia uma grande quantidade de matérias a ministrar que não podiam ser adequadamente comprimidas no tempo que se procurava formar *snipers*. A constituição da seções *sniper* nos batalhões eram idealmente de 16 homens, mais um cabo, um sargento e um oficial, sendo que devido ao ferimentos, treino, licenças poucas eram as seções que alguma vez conseguiram exceder os 10 homens no total.(Pegler, 2009)

⁶ A alça encontrava-se em linha com o cano, imediatamente na vertical do mesmo (Santos, 2011)

⁷ A alça encontra-se fora do plano do cano, geralmente à esquerda do mesmo (Santos, 2011)

⁸ Australian and New Zealand Army Corps – Corpos de Exército da Austrália e Nova Zelândia

⁹ Prática comum para caça rápida, surgir de cobertura e abrir fogo num tiro deliberado, mas de resto instintivo, prevendo onde estará o alvo(Oregon Hunter, 2016)

¹⁰ Reconhecimento, Observação e *Sniping*

A principal dificuldade dos novos aspirantes a *sniper* era avaliar corretamente distancia e vento, como tal os britânicos ensinavam algo que já era há muito praticado pelos alemães que o alvo não deveria ser a cabeça, mas sim os dentes. Apesar de macabro havia uma logica por detrás, em primeiro lugar os dentes eram demasiado frágeis para alterar a trajetória do projétil, em segundo lugar mesmo que houvesse uma avaliação errada da distância o resultado tendia a ser fatal, uma vez que a cabeça ou o peito iriam provavelmente ser atingidos. E devido ao facto das alças britânicas ao contrario das alemãs não possuírem estadias a avaliação de distâncias por métodos expeditos¹¹ era de extrema importância, o que viria a ser complementado por uma prática copiada dos alemães, a criação de cartas de alcances e a sua colocação nos *Sniper Posts*. (Pegler, 2009)

Havia ainda uma capacidade que não podia ser ensinada mas que era crucial para sobrevivência no campo de batalha – paciência – o saber estar 1 hora, 1 dia imóvel para obter aquele o tiro certo e garantir que se regressava com vida, como tal homens ansiosos, ou vingativos tinham uma baixa esperança de vida no campo de batalha.(Pegler, 2011)

Na primavera de 1916 os alemães já não eram os senhores da guerra *sniper*, finalmente o lado britânico formava verdadeiros *snipers*, ensinando-os as capacidades que os definiam, não que todos os *snipers* fossem adequadamente formados, mas finalmente estava a combater verdadeiramente os *snipers* alemães. (Pegler, 2009)

Os britânicos apresentavam uma grande vantagem para as lutas *snipers* e chamava-se *Lovat Scouts*, que eram homens com uma capacidade extraordinária de camuflagem, *stalking* e observação, estes trouxeram uma peça de roupa que viria a ser padrão do *sniper*, o Fato *Ghillie*¹², basicamente um casaco e calças com serrapilheira lã, acrescentada com faixas de verde, preto e castanho para quebrar os contornos, e ainda colocado vegetação. Outro equipamento usado pelos britânicos que, ao contrário do fato *ghillie*, foi negligenciado pelas outras potências foi o telescópio de observação, este tinha uma ampliação de 20x, mais de 10 vezes superior aos binóculos regularmente usados pelas outras forças, com isto conseguiam detetar forças inimigas a distâncias significativas e a curtas distâncias perceber pormenores de outro modo indetetáveis.(Pegler, 2008)

Todos os *snipers* mantinham um registo detalhado consigo, onde constava posições de tiro, tiros efetuados, condições meteorológicas, dados da alça e outros comentários, tais como a morte alcançada, isto não era feito pela glória da morte, sendo que

¹¹ Sem usar equipamentos ou calculo, usando a avaliação a olho nu.

¹² Ver figura 2 do Anexo A

muitos *snipers* não contaram nem a quem era mais próximo o número de baixas que causou, isto era para dados de Informação, para saber a eficácia e as informações obtidas pelas seções *sniper*, é um sistema que alcançou os dias de hoje. (Pegler, 2009)

Os canadenses conseguiram desde bem cedo responder à ameaça *sniper* alemã, isto devido a duas peças de equipamento, a espingarda Ross, e a alça Winchester A5. A Espingarda Ross usava a mesma munição que SMLE, a .303 mas apresentava uma grande vantagem às outras espingardas *sniper*, possuía um ferrolho de escorregamento simples longitudinal, ou seja permitia uma cadência de tiro excepcional, o que era útil quando o 1º tiro falhava, algo raro, mas útil. A alça Winchester não foi a primeira alça a ser utilizada, mas foi preferida pelos *snipers*, isto porque mantinha o zero¹³. (Pegler, 2011)

Os *snipers* canadenses eram questionavelmente os melhores da guerra, e entre estes os nativos eram a elite, como é o exemplo do Cabo Francis Pegahmagabow, que obteve 376 mortes confirmadas, tornando-se no *sniper* canadense mais mortífero de sempre. (Pegler, 2011)

4.1.3 O Sniper Francês

França iniciou a guerra de um modo semelhante aos Britânicos no que concerne ao emprego e treino dos *snipers*, contudo nos primeiros meses perceberam que as baixas resultantes de fogo *sniper* eram enormes e como tal tiveram que reavaliar a situação. Inicialmente foi remendada simplesmente por colocar alças rudimentares na sua espingarda Lebel, muitas destas alças eram cópias de alças de artilharia adaptadas a espingardas, o que provou-se extremamente deficitário. Por outro lado, havia uma boa cultura de atiradores de precisão em França, e como tal havia uma quantidade decente de atiradores que com o treino correto poderiam tornar-se *snipers*. (Pegler, 2008)

França só teria uma arma digna de ser chamada *sniper* em inícios de 1916, usando cópias alças alemãs capturadas e a nova espingarda Berthiers, qualquer variante chegava em números reduzidos à frente e as que chegavam eram atribuídas aos chamados *Tirailleurs d'élite* (TE), estes provariam o seu valor como *snipers*, como afirma Argonne¹⁴:

“a cada passo, a morte batia, Os tireurs d'élite franceses estavam solidários com as árvores. Mesmo que um ou dois fosse atingido, não conseguíamos passar. Nesta situação as

¹³Ponto de pontaria igual ao ponto de impacto do projétil

¹⁴ Historiador do 70º Regimento de Infantaria alemão

posições inimigas não foram descobertas. Era como metralhadoras nas árvores... como combater fantasmas ”¹⁵

Na frente Ocidental, forças francesas empregavam armas *sniper* num ratio de 3-4 por companhia, e apesar de nunca usados em quantidade tais como os britânicos e a sua Comunidade, estes ofereceram alguma retaliação ao domínio alemão.(Pegler, 2008)

4.1.4 O Sniper Americano

Em 1917 os Estados Unidos da América (EUA) entram na guerra, e isto coloca os seu exercito em condições que não estavam preparados, a guerra de trincheiras. Aio ocuparem as suas trincheiras foram aconselhados pelos aliados a não espreitarem por cima das trincheiras, contudo alguns homens não resistiram à curiosidade e sofreram as consequências. Contudo os americanos não vieram desprovido para a luta *sniper*, trouxeram consigo a Springfield 1903 municiada com a .30-06, uma das melhores espingardas de ferrolho e uma das melhores munições para o *sniper*. Inicialmente usavam a alça Warner, mas rapidamente adotaram a Winchester A5, a mesma que os canadianos, a qual viria a ser uma das melhores alças da guerra. Os americanos não tinham falta de atiradores exímios, e como tal a base para formar *snipers*, muitos deste eram já caçadores e com o treino obtido nas escolas britânicas, uma vez que os EUA não tinham um programa oficial de *sniper*.(Pegler, 2009)

Ironicamente, apesar de possuírem alças telescópicas em grande número, um dos mais famosos *snipers* americanos da guerra foi o Sargento Alvin York, que usava alças ordinárias e que em outubro de 1918 abateu 25 alemães e silenciou 35 ninhos de metralhadora, o remanescente da força alemã ficou tão desmoralizada que se rendeu a ele, os 132 homens que restaram, isto valeu-lhe a Medalha de Honra, a maior honra da Forças Armadas dos EUA. (Pegler, 2009)

4.1.5 Conclusão

Com o final da guerra a aproximar-se a diferença entre *snipers* aliados e alemães foi diminuído, particularmente porque os alemães não conseguiam substituir os seus *snipers* ao ritmo dos aliados e porque a dificuldades económicas e industriais impediam uma produção de alças, em particular, ao ritmo do inicio da guerra. Já os britânicos reavaliavam

¹⁵ “At each step, death would knock. The French Tireurs d’élite were solidly attached to the trees. Even if one or two were hit, we still could not get past. In this situation, the enemy position could not be found. It was like machine-guns in the trees... like fighting phantoms” (Cormerais, 1920, p. 117)

o emprego dos seus *snipers* e perceberam que os alemães tinham uma doutrina distinta no emprego dos mesmos, enquanto que os britânicos atuavam principalmente para proteger as suas trincheiras de *snipers* (primariamente), os alemães empenhavam os *snipers* inclusive em operações ofensivas, sendo que estes avançavam com a infantaria e ocupavam posições privilegiadas para abater alvos valiosos¹⁶. Agora com os aliados a avançar por território alemão, os alemães empregavam os seus *snipers* como guarda de retaguarda, o que cumpriam com excepcional habilidade e coragem, e assim os britânicos mais uma vez usaram ensinamentos alemães, e passaram a usar os *snipers*, como parte da manobra ofensiva.(Pegler, 2011)

A capacidade *sniper* aliada tinha evoluído significativamente desde 1915, a agora havia literatura específica do treino e emprego *sniper* nomeadamente copiada das notas dos canadianos acerca de camuflagem, esconderijos e manutenção de alças. Agora com a aliados a avançar para leste, reencontraram o combate em áreas urbanas, algo que não encontravam praticamente desde 1914, e com os alemães na defensiva a usar *snipers* com guardas, estas áreas eram autênticas armadilhas, com imensos esconderijos e com a morte a surgir de cada orifício e janela, assim os aliados lutavam da seguinte forma: colocavam ML¹⁷ ou um *sniper* a controla uma avenida ou corredor, e usavam granadas de mão e fumo para deslocar os *snipers* alemães, limpar metodicamente cada edifício, com especial atenção a orifícios existentes nas paredes, algo que viria a ser copiado no combate após o Dia D, em 1944.(Pegler, 2009)

Apesar dos alemães não possuírem os números de *snipers* hábeis que possuíam no início da guerra, isso em nada os desmotivou, os *snipers* alemães lutaram até à ultima como provado pelo Soldado George Prince do 28º Batalhão do Noroeste¹⁸ canadiano, ao ser atingido na cabeça por um *sniper* alemão pelas 10:55 do dia 11 de Novembro de 1918, enquanto patrulhava perto de Havre.(Pegler, 2011)

Com a assinatura do armistício, muito acreditaram que tinham testemunhado a guerra que iria acabar todas as guerras e criou-se extensos *lobbys* anti-guerra e como tal o desenvolvimento do *sniper* chegou temporariamente ao seu fim, e com a Grande Depressão a colocar a economia das nações à prova, chegou-se à conclusão que as Forças Armadas seria o ultimo local a alocar recursos, e cortou-se nos especialistas, tal como nos *snipers*. (Pegler, 2009)

¹⁶ HVT-High Value Targe

¹⁷ Metralhadora Ligeira

¹⁸ 28th Northwest Battalion

4.2 Segunda Guerra Mundial

4.2.1 Sniping Russo

As origens do *sniper* russo advêm de 1932, quando surgiu do NKVD¹⁹ investiu algum do excedente do seu orçamento para transformar a venerável espingarda Mosin-Nagant numa arma *sniper*. Isto era facilitado pela capacidade inerente há Rússia de produzir todas as componentes necessárias, nomeadamente as óticas, que eram uma cópia das Zeiss alemães e que com a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foram testadas, e subsequentemente aprovadas. (McCoy, 2006)

Formulou-se planos de treino apropriados para formar *snipers*, nomeadamente o estudo da balística, uma vez que o clima da Rússia era muito distinto dos restantes climas europeus, e como tal requeria uma formação específica. Com o decorrer da guerra, e a sua brutalidade acompanhou os *snipers* começaram a utilizar munições explosivas, que eram designadas pelos russos com “Munição de Observação”, e o ferimento resultante destas era geralmente fatal. Em meados de 1939 os russos afirmavam que possuíam mais de 6 milhões de homens qualificados com o emblema Voroshiloff Sharpshooter, o que não os tornava *snipers*, mas implicava um grande leque de homens que, em teoria, conseguiriam empregar fogo muito preciso até cerca de 400 metros, uma capacidade muito útil em combate urbano. O número de *snipers* que a Rússia conseguiria empenhar em 1939 é quase impossível de determinar, mas seria provavelmente nas proximidades dos 60.000 homens, mais que todas as outras potências combinadas, mas quantidade não significa qualidade, o que se viria a provar. (McCoy, 2006)

4.2.1.1 Guerra do Inverno

No final de 1939, Stalin decidiu invadir a Finlândia, o que viria a ter serias consequências não só para os russos, mas também para o remanescente da Europa. O Comando Russo acreditava que seria uma campanha simples e rápida, contudo não tomaram em consideração a habilidade de combater em temperaturas negativas (até cerca de -45°C) e as tradições de caça e tiro de precisão dos Finlandeses. A maioria dos finlandeses que faziam caça ao pato utilizavam espingardas ao invés de caçadeiras, e atingir um soldado russo seria muito mais fácil que atingir uma ave em voo. (McCoy, 2008b)

¹⁹ *Narodnyi Komissariat Vnutrennikh Del* – Commissariado Popular para os Assuntos Internos

O equipamento dos Finlandeses era diminuto em qualidade, mas rapidamente capturaram equipamento russo e retiraram as alças para uso próprio. As táticas finlandesas eram simples e eficazes. Dois homens trabalhavam nos flancos da frente em esconderijos preparados ou infiltrados nas linhas soviéticas, atingindo equipas de morteiro ou artilharia, e postos de comando. O seu conhecimento do terreno, habilidade de se deslocar rapidamente em skis e a determinação fevrosa de defender a sua pátria teve um choque profundo nos russos, cujos *snipers* não estavam altamente treinados para o combate no inverno nem conseguiam ser tão moveis como os seus semelhantes finlandeses. (Pegler, 2012)

Os *snipers* finlandeses provaram-se assustadoramente eficazes, tal como é comprovado por nomes como o de Suko Kolkka- com mais de 400 mortes confirmadas- e Simo Häyhä – com 505 confirmadas, sendo o *sniper* mais mortífero da história, o qual curiosamente não utilizava alça telescópica, isto porque na opinião do mesmo obrigava-o a apresentar-se como um alvo maior, e porque tendiam a envoar no clima finlandês. Dos 1.5 milhões de homens que invadiram a Finlândia em 1939 apenas cerca de 500.000 iria voltar a casa em 1940. (Pegler, 2012)

4.2.1.2 Operação Barbarossa

A medida que os alemães avançavam para o interior da Rússia em 1941 os *snipers* soviéticos começaram a exercer numerosas baixas nas forças alemãs. Os russos viam os *snipers* alemães como sub-humanos, isto devido à propaganda que lhes era incutida, a qual afirmava que os *snipers* alemães eram recrutados de criminosos, e que eram treinados para atingir crianças e mulheres só pelo prazer da morte, como tal misericórdia era algo que não era dado aos *snipers* capturados. (McCoy, 2006)

Esta atitude para com os *snipers* inimigos era resultado do ensinamento da Guerra do Inverno ondes os *snipers* fizeram-se sentir com uma letalidade excecional. Livrar o campo de batalha dos *snipers* alemães era uma prioridade para os russos, que estabeleciam as seguintes prioridades para os seus *snipers*:(McCoy, 2006)

“Destruir o inimigo o qual pelo seu fogo pode interferir com o avanço do pelotão” (i.e. trabalho contra sniper)

“Destruir a componente de comando de modo a desorganizar... e criar confusão” (i.e. Oficiais e Sargentos)

“Encontrar e destruir o inimigo que emprega fogo... e interfere com o avanço das nossas unidades” (i.e apontadores de metralhadoras, morteiros etc) (Busyatskiy, 1942, p. 17)

Os *snipers* russos deveriam estar preparados para sacrificar a vida pela Mãe-Rússia, e muitos estariam prontos para tal. E se há algo que os definia era a sua criatividade, numa ocasião uma unidade *panzertruppen*²⁰ viu-se sobre fogo ajustado de um *sniper* soviético que estava a disparar apenas uma vez por posição, e nunca conseguiram identifica-lo. Certa manhã uma sentinela alemã viu com os seus binóculos o que parecia ser vapor a sair de uma carcaça de um Carro de Combate T-34. Uma patrulha foi enviada e encontraram o *sniper* a viver dentro do carro com a tripulação morta como companhia, este iria sair todos os dias, rastejar centenas de metros e abater os alemães. Foi o vapor da sua simples respiração que com um nascer do sol, o identificou, e o seu destino é incerto, contudo provavelmente foi cruelmente administrado.(Pegler, 2011)

Provavelmente em nenhum lugar foi a guerra tão selvagem e com desconsideração pela vida humana como na Frente Leste, Pacífico incluído, prisioneiros eram regularmente executados e não havia misericórdia dada a feridos, e como tal muitas vezes a captura de um *sniper* significava para o mesmo tortura e posteriormente morte.(Pegler, 2011)

4.2.1.3 Treino Sniper

O programa de treino soviético era de aproximadamente três semanas e abordava todas as bases: tiro, observação, camuflagem, navegação e ainda especialidades tais como combate em florestas e em áreas urbanas, algo que faltava nos restantes programas de treino *sniper* europeus.(McCoy, 2006)

Algo particular dos *snipers* soviéticos era também a inclusão do treino com armas regulares da infantaria, como por exemplo pistolas-metralhadoras e granadas, o que se provou muito útil no combate urbano, uma vez que os *snipers* estavam atribuídos aos pelotões de infantaria. Com o avanço alemão o treino dos *snipers* foi cada vez menor. No final de 1941 estava reduzido a alguns dias, sendo que estes *zaichata*, ou lebres eram emprenhados junto com *snipers* experientes que os ensinariam a sobreviver ou no mínimo a matar alguns fascistas antes de morrerem. (McCoy, 2006)

As cidades em ruínas, em particular a cidade fulcral de Estalinegrado, mostraram-se excelentes campos de treino, uma vez que existiam extensos tuneis, esgotos e condutas que eram utilizadas para se aproximarem das linhas alemãs sem que fossem observados, como reconta Vasiliy Zaitsev:

“Eu e o Misha rastejamos por um cano subterrâneo... era apertado, húmido e pegajoso, eu avançava bem, mas o Misha era mais corpulento e lutava em

²⁰ Unidade Blindade Alemã

respirar... finalmente o cano vira e respiramos ar puro, e ao sair encontramos-nos num poço com tijolos encoberto por uma tampa de ferro. Onde estamos? Debaixo da loja ocupada pelos fascistas? O Misha atira a tampa de ferro pelo ar e projeteis varrem a loja, libertando faíscas ao atingir as máquinas...(Zaytsev, 1944, p. 112)”

O equipamento incluindo os uniformes eram determinados pelas tarefas a realizar nesse dia, e os homens eram livres de usar o que lhe fosse conveniente o que incluía utilização de uniformes capturados. O fardamento regular dos *snipers* soviéticos era o khaki regular da infantaria com acesso a roupa de inverno que era tanto pratica como vital, algo que faltava aos alemães nesta fase inicial do conflito. A maioria dos *snipers* preferiam a proteção do capacete de aço ao boné de algodão, mas adicionavam um chapéu de orelhas-*shapka-ushanka*- para proteger do frio e da ulceração. A ulceração era uma companheira constante e era especialmente perigosa para os *snipers* que tinha que estar virtualmente imóveis em locais apertados, e para contrariar isto as luvas eram uma necessidade, e o guarda-mato da Mosin-Nagant foi engenhosamente desenhado para permitir o tiro com luvas, assim como as alças PU e PE que tinham os tambores de ajustamento grandes e rugosas para facilitar o uso com dedos frios ou com luvas. Algo que foi copiado da Guerra do Inverno foi o sobretudo branco com capuz, que ajudava imenso a lidar com o frio e era muito útil como camuflagem, algo que também faltava inicialmente aos alemães. (McCoy, 2006)

Durante o verão as cores naturalmente alteravam-se e com elas o equipamento do sniper, que agora aligeirava na roupa devido as temperaturas mais elevadas, utilizando nomeadamente o sobretudo “*amoeda*”²¹, que era fino e com tons de verde, castanho e preto, possuía ainda um capuz com uma rede para colocar a frente da face para proteger dos insetos e que era muito útil para camuflar a face e a alça do *sniper*. A própria espingarda tinha de ser adequadamente camuflada, geralmente com ligaduras ou tiras de roupa. (Pegler, 2011)

4.2.1.4 *Snipers* femininos

Enquanto que o ocidente era muito reticente em utilizar mulheres em combate, os soviéticos fizeram uso extenso das mesmas como pilotos, guarnição de carros de combate, socorristas e ainda como *snipers*, onde a sua estatura reduzida e membros flexíveis e geralmente eram mais paciente que os homens o que as tornavam muito eficazes. Muitas mulheres viriam a tornar-se grandes *snipers* como é o caso da Lyudmila Pavlichenko, que

²¹ Ver Figura 3 do Anexo A

nos seus primeiros 10 meses de guerra alcançou umas impressionantes 187 mortes confirmadas, na altura em que foi ferida por uma granada de morteiro em 1942 já tinha alcançado as 309 mortes confirmadas tornando-a a *sniper* feminina mais mortífera da história. (Pegler, 2011)

A chance de sobrevivência de uma *sniper* feminina era diminuta e o medo do que lhes ocorreria se fossem capturadas era tal que muitas suicidavam-se a render-se, tal como é a história de Mariya Polivanova e Natalya Koshova que entre si tinham excedido as 300 mortes confirmadas e que em agosto de 1942 a sua unidade foi cercada e quando esgotaram as munições, beijaram-se e retiraram a cavilha das granadas e aguardaram que os alemães as alcançassem. (Pegler, 2011)

Estima-se que na guerra foram formadas mais de 1.000 *snipers* femininas e foram responsáveis pela morte de mais de 12.000 soldados alemães. (Pegler, 2011)

4.2.2 O *sniper* alemão na 2ª Guerra Mundial

Quando os soldados alemães começaram a avançar através da Europa no *blitzkrieg*²² enfrentaram pouca resistência organizada e ainda menos em termos de *sniper*, e isto era positivo para a Wehrmacht²³ uma vez que não estavam adequadamente preparadas para tal ameaça, sendo que havia apenas um número limitado de *marksmen*, maioritariamente equipados com a espingarda da 1ª Guerra Mundial Gewehr 98. (Pegler, 2011)

A necessidade de um programa adequado de *sniper* só surgiu a partir de 1941, aquando da invasão da Rússia, sendo que até então a superioridade tática era de tal modo esmagadora que os defensores não conseguiam montar uma resistência apropriada. Quando entraram em território russo, a história alterou-se, o avanço continuava significativo, mas as baixas devido a fogo *sniper* começaram a amontoar-se, e os relatórios de baixas começaram a chegar ao alto comando Alemão. Numa ocasião o 465º Regimento de Infantaria estava a avançar por uma área arborizada e ao longo de um dia perderam mais de 100 homens, dos quais 75 foram devido ao que designaram por “*snipers* das árvores”²⁴. (McCoy, 2007a)

²² Guerra Relâmpago

²³ Forças Armadas Alemãs (1935-1946)

²⁴ “Tree snipers”

Um *sniper* alemão, Franz Kramer, reconta uma historia acerca desta tática utilizada pelos *snipers* soviéticos:

“...eles usavam as nossas próprias metralhadoras para mascarar o seu tiro... procurei posições de *sniper*, de imediato olhei para locais altos sendo que eles teriam que conseguir ver as nossas posições...para meu espanto reparei que os únicos locais elevados nas proximidades eram as copas das arvores, assumi que não estaria lá, mas quando vi um clarão soube que estava errado... no decorrer do seguinte dia abati 18 soldados (Kramer citado em McCoy, 2008a)”

Também Kramer conta que estes *snipers* tinham um bom tiro, mas eram inexperientes, porque ao usar arvores como esconderijos não possuíam proteção ou retirada possível. Para surpresa dos alemães todos os *snipers* abatidos eram mulheres, os que sobreviveram retiraram, ocuparam novas posições e repetiram o processo. Naturalmente a exigência de *snipers* assim como de equipamento adequado cresceu rapidamente nas forças alemãs, enquanto isto não acontecia a utilização de material capturado servia para alguns alemães, como o caso de Allenberger que com uma Mosin-Nagant abateu 27 soldados soviéticos. (McCoy, 2007a)

4.2.2.1 Treino

Rapidamente os alemães adaptaram-se a profusão de *snipers* soviéticos, e começaram a destacar as suas próprias unidades *sniper*, geralmente 22 homens por batalhão, e ainda distribuíam espingardas com alças telescópicas as companhias para distribuírem aos homens que apesar de não serem *snipers* tinham um tiro acima da média, podendo assim colmatar a indisponibilidade de *snipers*. Em fevereiro de 1942 já haviam mais de 30 escolas de *sniper* distribuídas por território alemão e ao contrario da doutrina britânica, estes ensinavam desde inicio a combinação de tiro, *fieldcraft* e tática, de modo a aumentar sinergias. Também algo único no sistema alemão era que o tiro de joelhos, sentado e em pé tinha uma preponderância que não existia noutras potencias.(Shore, 2012)

A distancia a que um *sniper* alemão poderia ser eficaz era assim questionada por Shore, contudo numa entrevista em 1967 o *sniper* alemão, Mathias Hetzenauer²⁵ afirmou que os *snipers* tinham que garantir um tiro na cabeça a 400 metros, no peito a 600 metros e atingir um homem em pé até aos 800 metros. Apesar de Hetzenauer ser um tiro excecional havia outros, como Allenberger e Wirnsberger que afirmavam o mesmo, mas que evitavam tiros a longa distancia porque preferiam garantir a morte do alvo. O treino alemão era

²⁵ 345 mortes confirmadas

intensivo e incluía o treino em replicas de aldeias russas, de modo a treinar o combate crucial, o combate em áreas urbanas.(Pegler, 2009)

4.2.2.2 Equipamento

Um dos problemas que surgiu na Alemanha era a grande diversidade de fornecedores de óticas, isto coadunado com as pequenas variações do emprego *sniper* nas diferentes unidades, Panzertruppen, SS entre outras, implicava que havia mais de 10 tipos de óticas e montagens disponíveis para os *snipers* alemães, o que também permitia que cada um usasse o que lhe fosse mais eficaz. (Pegler, 2009)

Inicialmente a alça que foi montada na espingarda K98k era a ZF41 de 1.5x, que originalmente era para ser atribuída a todos os soldados não como arma *sniper*, mas como um incremento ao tiro do soldado regular, algo que hoje é regra, a adaptação de alguma espécie de equipamento ótico de baixa ampliação à espingardas dos soldados. Contudo os *snipers* não viam este sistema com bons olhos, a baixa ampliação combinada com a grande distancia à alça impedia um tiro a longas distancias minimamente decente, e a sua performance em condições baixa luminosidade era inconsistente. Após algumas tentativas obtiveram um verdadeiro sistema *sniper* para distribuir ao homens, isto era a espingarda K98k com uma montagem aparafusada e uma alça telescópica de 4x, sendo que havia diversos produtores das alças, como Zeiss, Hensoldt etc... mas esta só se tornou amplamente utilizada a partir dos finais de 1942, até então os *snipers* utilizavam o que lhes era possível, desde G98 da 1ª Guerra a espingardas capturadas com muito sucesso.(McCoy, 2007a)

Parece curioso que ao verificar a performance duvidosa da SVT40²⁶ russa os alemães avançaram com seu próprio projeto para uma espingarda semi-automatica para uso *sniper*. Apesar da SVT ser relativamente útil como arma de infantaria, com uma boa cadencia de tiro e uma decente capacidade do carregador (10 munições comparadas com as 5 da K98k ou a Mosin Nagant), a sua performance como espingarda *sniper* deixava muito a desejar, apesar de haver *snipers* com bons resultados ao utiliza-las, com é o caso de Pavlichenko. Em 1943 introduziram a Gewehr 43, que se verificaria temperamental, mas o que seria impressionante seria a alça que a acompanharia a ZF4 de 4x, era uma alça deveras eficaz, com tambores de elevação e direção com 1/8²⁷ de milésimo de correção,

²⁶ Espingarda de tiro Semi-Automatico 7.62x54mmR

²⁷ Altera o ponto de impacto em ~1.2cm aos 100 metros

com uma montagem rápida e com um reticulado graduado. Sem dúvida era eficaz a curtas e medias distancias, mas o tiro longo era muito incerto.(Pegler, 2009)

Os alemães também introduziram uma munição especifica para tiro *sniper*, a ‘s.S’ que permitiam um tiro a longa distancia com maior eficácia, mas a sua baixa produção implicava que os *snipers* tinham que as conservar para os tiros mais complicados. Mas havia outra munição que também era usada com resultados únicos, as chamadas *B-patronen*, que era uma munição explosiva, e que a imprensa soviética fazia uso regular disto ao afirmar que era a típica forma desumana alemã de combater. Apesar de Hitler supostamente ter proibido o uso destas munições em alvos humanos, isto devido às suas experiencias durante a 1ª Grande Guerra. (Shore, 2012)

Na frente leste o uso de munições ‘especiais’ ganhou alguma popularidade, como reconta Franz Kramer:

“Os russos possuíam este tipo de munições no inicio da guerra e não hesitaram em utiliza-las na infantaria. O efeito brutal destes misseis é temido pelos Landsers (apelido alemão para a sua própria infantaria), e os *marksmen* russos têm um gosto especial por elas. De acordo com a Convenção de Genebra o uso de munições explosivas em armas ligeiras era proibido, mas a guerra na Frente Leste escapou um pouco da balança da humanidade por agora... (Kramer citado em McCoy, 2006)”

4.2.2.3 Combater os Russos e o Frio

Em 1943 os *snipers* alemães estavam a ficar melhor equipados e armados, e tinham que ficar, pois a forças soviéticas apresentavam uma resistência feroz, que preferiam morrer a render-se. Sem dúvida o terreno mais duro para os *snipers* eram as cidades em ruínas, como é o caso de Estalinegrado, que se tornou no símbolo da resistência teimoso Russa. A criatividade alemã e russa foi levada ao limite ao lidarem com os seus inimigos nos tuneis, esgotos, trincheiras e monte de escombros que a cidade se tinha tornado. Ataques frontais eram suicidas, e a batalha tinha degenerado em combate localizado, golpes de mão²⁸ e o *sniper* inevitável. Reconta Erich Kern:

“...era uma guerra de *snipers*. Um homem com o periscópio à procura do alvo, o outro com a espingarda descansa poupando força para atacar...conheci dois jovens Siebenburgen, Rudolf, ambos de famílias de caçadores que iam à caça desde a infância, mas agora a presa dispara de volta...passaram-se varias horas até que aparece um alvo, Rudolf aponta, prime o gatilho e o homem cai... mais uma marca no parapeito...’Menos um, menos uma arma’- disseram. (Kern, 1951, p. 203)”

²⁸ É uma operação destinada a temporariamente exercer o controlo de uma determinada área/objetivo com a finalidade de obter informações, confundir o adversário, capturar pessoal ou equipamento ou destruir uma determinada capacidade (Exército Português, 2012)

O combate em áreas urbanas era de relativamente curtas distancias, geralmente inferiores aos 300 metros, e apesar se acredite que a maioria dos *snipers* na frente leste combatia em áreas urbanas isto não poderia ser menos verdade. Os alemães avançaram através milhares de quilómetros de campo aberto, combateram em terreno que variava de áreas densamente arborizadas, montanhas aos vastos campos de trigo, tudo terreno que providenciava esconderijos excelentes aos *snipers* soviéticos. E como tal os *snipers* alemães eram muitas vezes destacados à frente das suas próprias linhas, Hetzenauer conta com numa ocasião tinha a missão de infiltrar-se nas linhas russas ao coberto da escuridão e aquando do ataque alemão iria silenciar Comandantes e metralhadoras, porque as suas forças estavam debilitadas sem este tipo de apoio devido à escassez de homens e munições.(Pegler, 2009)

Quando as linhas estavam estáticas, os alemães ocupavam esconderijos à frente das suas linhas e procuravam alvos ao crepúsculo, porque era quando os russos se tornavam descuidados, e era aqui que a alças mostravam o seu valor. A parte de 1944 os alemães viam-se mais vezes na retirada que no ataque e aí os *snipers* alemães praticaram o que os russos lhes haviam mostrado, ao usar pequenos grupos de *snipers*, de 4 a 6 para desenvolver operações de retardamento²⁹, geralmente não eram a quantidade de baixas que infligiam, mas a qualidade dessas baixas. Os russos tinham muita dificuldade em avançar sem liderança e ao perde-la geralmente implicava uma cessação do ataque.(Pegler, 2009)

Uma tática fria, mas sem duvida eficaz empregue por *snipers* como Franz Kramer era atingir os alvos no estomago, assim tinha um efeito moral em todos os homens nas proximidades além de provavelmente obrigar alvos a mostrar-se ao tentarem socorrer os feridos. Apesar disto e de copiarem certas táticas dos russos houve algo que os alemães nunca fizeram e isto foi utilizar os *snipers* como infantaria regular, sempre valorizaram os *snipers* geralmente usavam-nos nos flancos ou em posições cobertas para cobrir a o avanço da infantaria. Em 1943 não havia quaisquer duvidas da eficácia dos seus congéneres russos e como tal luta contra-sniper era de especial relevo assim como a construção adequada de esconderijos, algo que aprenderam ao seu próprio custo devido à grande capacidade de deteção dos *snipers* russos. Estas lições mostrar-se-iam valiosas aquando das invasões aliadas de 1943 e 1944 quando a avanço dos aliados tinham que estagnar até conseguirem identificar a origem do fogo *sniper*. (Shore, 2012)

²⁹ A operação de retardamento é uma operação pela qual uma unidade, sob pressão do inimigo, troca espaço por tempo, infligindo-lhe o máximo de danos sem se deixar empenhar decisivamente (Exército Português, 2012)

Algo que os alemães não poderiam estar preparados era para o rigoroso inverno russo, e para os *snipers* era ainda mais rigoroso sendo que estes tal como os seus congêneres tinham que permanecer estáticos por grandes períodos de tempo, e como tal roupa era de uma importância vital. A diversidade de uniformes nas forças alemães implicava uma grande diversidade e como tal adequabilidade de fardamento na frente, sendo que os *snipers* tendiam a usar um grande poncho a prova de água com capuz pintado ou cosido com vários tons geralmente à discrição do homem, só a partir de 1943 é que surgiu equipamento apropriado para o inverno e em particular para o *sniper*. (Pegler, 2011)

Algo que o inverno trouxe e nunca conseguiu ser adequadamente resolvido foi o enevoamento das lentes, muito tentavam pequenos truques para fazê-las durar mais tal como transportá-las junto ao corpo ou cobri-las com pele de ovelha, algo que copiaram dos russos, mas nada era verdadeiramente eficaz e na melhor das hipóteses conseguiam impedir o enevoamento por algumas horas. Isto combinado com o congelamento dos lubrificantes que a arma tinha a manutenção da arma era de uma importância extrema, especialmente para o *sniper* que muitas vezes a sua vida dependia da mesma. (Pegler, 2008)

4.2.3 A Guerra no Pacífico

Os EUA iniciaram a sua doutrina *sniper* em 1898, com a introdução da espingarda Krag com alça telescópica, contudo foi rapidamente substituída pela famosa M1903 e equipada com alças Swasey ou Winchester A5, equipamento que no pós-1ª Guerra Mundial era considerado inadequado para *snipers*. A partir de 1925 o trabalho orientado para *marksmen* ou *snipers* alcançou um alto, que continuaria com a introdução da espingarda de tiro semi-automático M1 Garand, a qual nunca foi ponderada a hipótese de ser usada como arma de precisão. (Brown, 2013)

Quando em 1941 os EUA entram no conflito, o Exército Americano viu-se numa situação vergonhosa, sem *marksmen* suficientes nem equipamento para os poucos que haviam, e diga-se que o patamar a atingir para se designar *marksmen* era discutivelmente baixo, tendo que atingir o tronco humano às 400 jardas³⁰ e a cabeça às 200. (Pegler, 2012)

Um dos grandes problemas das Forças Armadas americanas durante o início da guerra era a inexistência total de um programa de *sniper*, algo que só se oficializaria em finais de 1942, com a introdução em simultâneo da M1903-A3 como espingarda padrão *sniper*. Esta apresentava alguns problemas tais como a baixa ampliação, e baixa distância

³⁰ 1 jarda=0.9144 metros

para o olho, mas era considerada adequada e muito consideram-na extraordinária, sendo que só perdeu favoritismo quando em meados de 1944 foi introduzida a M1-C, uma versão *sniper* da M1 Garand, que apesar de não ser tão precisa a longas distâncias, mas compensava por uma maior candência e capacidade de munições. (Pegler, 2009)

Os Marines por outro lado tinham alguma vantagem no campo de *sniping* relativamente ao Exército, isto porque nas suas fileiras tinha muitos entusiastas de tiro desportivos, muitos dos quais pressionaram as altas patentes em crias um programa de treino *sniper*, isto mostrar-se-ia útil uma vez que os Marines tinham o programa *scout-sniper* já estabelecido em inícios de 1942, e tinham uma grande particularidade, o treino do tiro era das 100 às 1000 jardas uma distancias significativamente superior às ministradas nos restantes países. Este tipo de treino mostraria frutos, uma vez que havia *snipers* nos Marines a conseguirem ter um tiro excecional a longa distancia como é o caso do Soldado Daniel Class Jr. que abateu diversos ninhos de metralhadora em Okinawa a uma distancia de 1200 jardas. Class revelou que tiro a tais distancias era extremamente difícil que muitas vezes era tentativa e erro: “disparava, o observador via que caiu 200 jardas curto, aumento que seria para 200 jarda e volto a falhar...desta vez surgiu um vento cruzado a meio do voo...finalmente as estrelas alinham-se e consigo atingir o apontador da metralhadora”³¹ (Pegler, 2009)

Para desgosto dos recentemente formados *scout-snipers* a guerra do pacifico não seria um paraíso para os *snipers*, isto porque a densas selvas e a chamada “*Island Hopping*”³² implicava que as oportunidades eram escassas, mas surgiam. Com a campanha de Guadalcanal e com as baixas que os americanos sofreram de “*Tree Snipers*” isolados fez alguns oficiais exigir uma arma dedicada para uso *sniper*, em vez de uma arma padrão de infantaria simplesmente equipada com alça telescópica. Este pedido era muito razoável, porque se avaliarmos bem a M1903 era tudo menos dedicada para *sniping*, tinha um cano fino, em contato com a madeira envolvente, com difícil montagem de óticas, tudo elementos que prejudicam o tiro, especialmente aqueles praticados a distancias extremas, que para a época era virtualmente tudo o que excedesse os 600 metros. (Pegler, 2009)

4.2.3.1 *Sniping* na Selva

Os *snipers* a operar no Pacífico rapidamente perceberam que nas curtas distancias de combates que surgiam na selva o uso de uma espingarda com uma alça telescópica,

³¹ (Class Cit in Sasser, 1990)

³² Conquistar uma ilha, desembarca na próxima e repetir (US History Online, 2012)

onde a rapidez em devolver fogo era vital, não era prática e como tal chegaram a um compromisso, a equipa *sniper* (dois ou três elementos) levava a maior diversidade de armas possível, geralmente uma espingarda com alça telescópica, uma pistola-metralhadora ou uma espingarda de baixo calibre (M1 Carbine) e se houvesse o terceiro elemento a ML BAR³³, tendo assim sido formada as bases do armamento para a equipa *sniper*. (Pegler, 2012)

Lidar com os *snipers* japoneses provou-se obra, uma vez que estavam extensamente treinados em *fieldcraft*, eram muito pacientes e lutavam ferozmente quase ao ponto de suicídio. As primeiras unidades a desembarcar em Guadalcanal encontravam *snipers* em árvores, enterrados no solo e estavam de tal modo camuflados que era muito difícil de os detetar ou deslocalizar. (Pegler, 2009)

O equipamento usado pelos *snipers* americanos era virtualmente o mesmo que era usado pela infantaria regular, fosse Exército ou Marines, uma vez que o clima tornava o uso do popular *Ghillie Suit* impraticável. Um dos grandes problemas do pacífico era a condição do armamento onde a areia e o sal faziam de uma arma um pedaço de sucata em dias se a manutenção não fosse feita, e isto era de particular relevo para os *snipers* onde o mau funcionamento da arma poderia significar a sua morte ou, pior para alguns, a morte de algum dos seus camaradas. (Pegler, 2012)

4.2.3.2 O Sniper japonês

O desenvolvimento do *sniper* japonês data dos anos 20, onde surgiu a criação da Type 99 em 7.7mm ao invés da Type 97 em 6.5mm usada pela infantaria regular, isto porque a 7.7 penetrava melhor a vegetação, mas criava um pouco mais de fumo e clarão, o que para um *sniper* poderia ser pouco prático, mas era negligenciável e as vantagens geralmente excediam as pequenas desvantagens. Isto não implicava que a Type 97 não fosse usada como *sniper*, uma vez que estas estiveram lado a lado nas mãos dos *snipers* japoneses. (Pegler, 2011)

Os japoneses ganharam imensa experiência de combate na selva durante a sua campanha na Manchúria, onde foram ensinados a viver o mais possível da terra, e assim carregando apenas alguma água e arroz o soldado japonês poderia sobreviver e combater extensos períodos na selva. Os *snipers* japoneses ao invés dos restantes países não eram voluntários, eram sim escolhidos consoante o seu tiro, e a cultura japonesa obrigava-os a

³³ Browning Automatic Rifle

cumprir o treino, porque o falhanço era algo muito pouco aceite no Japão. O seu treino tinha especial ênfase em *fieldcraft* e camuflagem, negligenciando a sua capacidade de reconhecimento que para muitos países, como Reino Unido e Estados Unidos era a sua principal valência. (Pegler, 2011)

Algo particularmente ineficaz no equipamento do *sniper* japonês era que as suas alças telescópicas não tinham tambores, à exceção de alguns modelos do final da guerra. Isto implicava que o *sniper* teria que apontar “fora” do alvo para o atingir, mas devido a natureza do combate no Pacífico havia pouca necessidade de correções, e as distâncias eram de tal modo curtas na selva que um *sniper* japonês com alças ordinárias tinha mais que capacidade para abater homens. (Pegler, 2011)

4.2.3.3 Contrariar o *sniper* japonês

Provavelmente a tática mais eficaz era varrer as copas das árvores com rajadas de metralhadoras ou com peças a disparar metralha, mas isto era um processo moroso. Aquando da conquista do local de desembarque equipas contra-sniper eram enviadas para a selva para identificar possíveis posições de *snipers*, fossem nas árvores ou no solo, sendo que no solo eram virtualmente indetetáveis. (Pegler, 2011)

Os *snipers* japoneses estavam muito bem equipados especialmente no que concerne à camuflagem, sendo que lhes era distribuído uma rede onde colocavam vegetação, esta fornecia além de uma camuflagem eficaz uma muito bem-vinda sombra, também possuíam uns espigões para colocar nas botas para auxiliar na escalada de árvores. Isto tornava a sua deteção muito difícil e trabalhosa e à medida que os americanos se aproximavam do Japão estava dificuldade apenas aumentou, sendo que os soldados americanos tinham que recorrer quase que a técnicas de demolição para deslocalizar ou destruir esconderijos *sniper*. (Pegler, 2011)

4.2.4 Snipers Britânicos e da Commonwealth

Tal como na 1ª Guerra Mundial, quando o Reino Unido está em perigo a Austrália e Nova Zelândia juntam e destacam soldados em seu auxílio e tal como na 1ª Guerra havia um grande leque de caçadores e atiradores desportivos nas fileiras, que com a orientação de *snipers* experientes da 1ª Guerra tornaram-se *snipers* consideravelmente eficazes. (Shore, 2012)

Durante a campanha no Norte de Africa houve pouca oportunidade para os *snipers* operar e foi só quando a ameaça da invasão Japonesa surgiu em 1942 que o ANZAC começou a empregar *snipers* em número considerável. O problema era que tinham pouco equipamento e o pouco que tinham era arcaico, datado da 1ª Guerra e o tempo implicou gasto no cano, óticas entre outros, mas a solução surgiria da arena desportiva, onde a espingarda P14 foi modificada com um cano pesado aumentando significativamente a sua precisão, esta foi equipada com dois tipos de montagens uma alta e outra baixa. A baixa era mais prática para o sniper porque permitia um melhor descanso na coronha, mas a alta permitia o uso das alças ordinárias, o que na selva muitas vezes significava a vida e a morte. (Pegler, 2008)

Do mesmo modo que os americanos descobriram, os australianos também se aperceberam da dificuldade em localizar um *sniper* japonês, e também perceberam que o melhor método para contrariar isto era com o uso de equipas contra-*sniper*. Estas eram constituídas por um observador, um *sniper* e por vezes apoio pouco ortodoxo, como OAv³⁴ de artilharia, ou um homem equipado com uma Espingarda Anti-Carro de .55 polegadas como reconta Russel Brandon:

“...estava um sniper a disparar atrás de um tronco de uma árvore, ele apenas poderia ser atingido através dela...pegou na Boys .55 com o cano no meu ombro e a coronha no dele, Harry apontou e eu fui esmagado contra o solo, não vi o impacto, levantamo-nos e o Harry estava a massajar o meu ombro...quando nos aproximamos da posição o sniper tinha sido desfeito...(Brandon, 1953, p. 186)”

Uma outra tática copiada dos Americanos era a utilização de metralhadoras, um elemento da equipa mostra uma peça de roupa, o *sniper* japonês abre fogo e é varrido por uma rajada. Esta tática era de tal modo eficaz que entre 48 equipas contra-*sniper* dos aliados causaram 296 baixas em *snipers* japoneses no espaço de duas semanas. (Pegler, 2008)

4.2.5 A Frente Ocidental

4.2.5.1 Britânicos e *Commonwealth*

Se o Reino Unido não estava muito interessado em investir tempo ou dinheiro a desenvolver um novo sistema *sniper*, os designers do Quadro de Armamento³⁵ estavam cientes das limitações da SMLE No.3 da 1ª Guerra, e algumas das poucas P14 No.3T³⁶ que

³⁴ Observador Avançado

³⁵ *Board of Ordnance*

³⁶ Variante da SMLE No.3 com o cano parcialmente flutuado (sem contato com a madeira)

havia perderam-se aquando da retirada de França em 1940. Os que regressavam contavam como eram impotentes perante os *snipers* alemães, uma repetição de 1914-15.(Shore, 2012)

Durante da década de 30 houve algumas alterações à espingarda No.3 sendo de destacar um cano consideravelmente mais pesado e foram estas que preencheram a lacuna como arma *sniper*, esta seria designada como SMLE No.4 (T) e ser-lhe-ia montada uma alça telescópica de 3x, que era limitativa para alcances superiores a 400 metros, mas era relativamente consistente a manter o zero, e tinha uma boa capacidade em visibilidade reduzida. (Shore, 2012)

Relativamente aos canadianos, o seu equipamento era em tudo semelhante aos britânicos tendo as empresas domesticas iniciado a produção de copias da No.4 (T)³⁷ e respetivas óticas contudo isto só se efetivaria em finais de 1942, como tal durante os primeiros três anos do conflito os *snipers* canadianos teria que se contentar com armamento da 1ª Guerra, como a Ross e N°.3. (Shore, 2012)

4.2.5.2 Estados Unidos da América

Quando os americanos se envolvem na guerra na europa procuram trazer a M1-C³⁸ mas muitos *snipers* preferiam as suas espingardas de ferrolho, isto porque tal como os alemães e os russos se aperceberam ao tentarem desenvolver um sistema *sniper* semi-automático, isto não vinha sem limitações. A grande quantidade de peças moveis implicava uma precisão consideravelmente inferior e uma fiabilidade muito inferior. a Garand era capaz de atingir um homem até cerca dos 600 jardas, mas alem disso era uma questão de sorte o que não acontecia com a M1903, que poderia atingir os 1000 jardas com considerável eficácia.(Pegler, 2009)

Quando os aliados desembarcaram em Salerno em setembro de 1943 viram pela sua frente unidades veteranas, muitas que tinham combatido na Rússia, e os *snipers* que as acompanhavam eram igualmente experiente e capazes, em particular os paraquedistas. Estes *snipers* ocupavam posições antes do amanhecer a alvejavam qualquer alvo que surgisse, e muitos *snipers* americanos pagaram pela sua inexperiência com a vida. (Pegler, 2009)

Rapidamente e devido a eficácia dos alemães os *snipers* americanos começaram a copiar e a devolver o dano, contudo algo que havia no exercito alemão era uma ideia em

³⁷ Ver Figura 4 do Anexo A

³⁸ Ver Figura 5 do Anexo A

como empregar os *snipers*, já no exercito americano isso não era o caso, muitas vezes os *snipers* em simplesmente largados sem uma tarefa específica, simplesmente abater inimigos e o seu amadorismo intrigou os *snipers* alemães como conta Karl Krauss, um veterano de cinco meses da Rússia:

“Por vezes ficávamos sobre fogo de snipers americanos, mas eles não eram muito bons, os seus esconderijos eram fáceis de encontrar porque estavam mal camuflados e disparavam varias vezes sem mudar de posição...uma vez capturamos dois homens equipados com alças...eu não acho que fossem verdadeiros snipers” (Karl Krauss citado em Martin Pegler, 2011, p. 173)

Durante a campanha italiana os *snipers* iriam pagar caro pela sua falta de treino e experiência, mas aquando de entrada em Roma, já haviam alguns *snipers* endurecidos pela campanha e que seriam muitos uteis aquando dos desembarques da Normandia em 1944. (Pegler, 2009)

4.2.5.3 Terceira frente

Quando em 1944 os aliados abrem a terceira frente europeia, os *snipers* aliados sentiam um misto de medo e ansiedade e seria bem adequado o medo, uma vez que lhes esperava algumas das melhores unidades que os alemães tinham para oferecer e com elas alguns dos mais mortíferos *snipers*. Estes *snipers* ocupavam ninhos em campanários ou torres de cereais aquando da conquista das aldeias costeiras, mas depois tornaram-se os senhores da *bocage*³⁹ onde as sebes forneceriam esconderijos extraordinários, mantendo campos de tiro na ordem dos 400 metros. (Pegler, 2011)

Os aliados, em particular o Reino Unido, estava cientes da necessidade de produzirem *snipers* capazes, contudo o treino que ministravam eram esparso e muitas vezes insuficiente, mas houve algo que se aperceberam, e isso foi a mentalidade do *sniper*, não mais escolhiam os melhores atiradores ou competidores, agora os *snipers* eram todos voluntários, e muitas vezes os melhores atiradores eram chumbados enquanto que aqueles que eram atiradores inferiores mas regra geral eram mais paciente e astutos tornavam-se em grandes *snipers* (Shore, 2012)

Houve algumas alterações efetuadas aos planos de treino, com particular relevo a ser atribuído à recolha de informações e à criação de esconderijos, algo que vital para o *sniper* em qualquer tipo de terreno. Mas algo que os britânicos deveriam, possivelmente, tido adotado eram a distribuição de fardamento específico, tal como os alemães, mas isso

³⁹ Mistura de terreno de pasto com arvoredos (Zabecky, 2014)

não se revelaria e num problema porque se os *snipers* não possuíam, mas precisavam eles próprios o criavam. (Shore, 2012)

Quando passaram as aldeias e atingiram a *Bocage* esta versatilidade e o novo e reestruturado treino mostrariam o seu valor pois a densas sebes eram o paraíso para o *sniper* e com os alemães na defensiva era o paraíso alemão, e estes *snipers* eram de tal modo eficazes que chegou-se a ter menos de 10, entre oficiais e sargentos em alguns batalhões devido à baixas infligidas pelos alemães. Assim o contra-*sniping* tornou-se vital ao avanço, e uma guerra do gato e do rato começou. (Pegler, 2011)

O avanço de companhias inteiras era travado por diversas horas apenas por um par de *snipers*, eles abriam fogo espaçadamente e relocizavam regularmente, e quando a noite caía, retiravam para outras posições para no dia seguinte repetirem. Mas nem os alemães eram infalíveis pois como é exemplo de uma ocasião em que o Soldado britânico Packham estava a observar o avanço do seu pelotão quando um tiro quebra o silêncio, e tenente cai, passadas 4 horas o observador repara numa pluma de fumo a sair de entre as sebes- “*o boche está a fumar*” - mas não viam o alvo. Durante três dias Packham e o seu observador retornaram ao esconderijo para procurarem o *sniper* e na manhã do terceiro dia a cabeça do alemão aparece entre os arbustos e imediatamente é abatido. Isto demonstra a importância da paciência, astúcia do *sniper* e da necessidade de relocizar regularmente. (Pegler, 2012)

A inexperiência dos soldados aliados tornava-os em alvos fáceis para os *snipers* e em particular os oficiais mais modernos, pois apesar de se fardarem como um soldado regular a sua necessidade e descuido ao ler mapas, ao usar rádio tornavam-nos alvos prioritários e fáceis. (Pegler, 2008)

A medida que os Aliados avançavam penosamente sobre território alemão o inverno começou a assentar e os *snipers*, em particular sofriam muito com o frio, pois tinham que permanecer estáticos por várias horas e não tinham como melhorar a circulação, além de não poderem aquecer comida ou água a menos que desejassem uma vida mais curta. Mas a medida que avançavam sobre a Alemanha uma nova ameaça surge, homens estavam a ser alvejados, mas não se conseguia ouvir os disparos e várias teorias surgiram, de que os alemães estavam a testar algum armamento novo. Apesar de tudo a tecnologia usada não

era nada de novo, pois já haviam sido distribuídos limitadamente supressores⁴⁰ em conjugação de munições subsónicas. (Pegler, 2011)

Uma das limitações dos supressores é que não consegue disfarçar o estrondo supersónico da própria munição, para tal tem que ser usada um tipo de munição subsónica, mas esta trás consigo uma grande limitação, ao ser subsónica a munição só é eficaz até cerca dos 200 metros, o que as torna muito uteis em combate em áreas urbanas, mas muito ineficazes em terreno aberto, ou com grandes campos de tiro. (Johnson, 2016)

Ao entrar em áreas cada vez mais populosas os *snipers* voltaram, tal como em Estalinegrado a dominar a batalha. A mover-se de casa em casa por aberturas abertas por explosivos, pelos esgotos e condutas e a disparar por cada orifício, por cada tijolo em falta, por cada telha, e a causar pesadíssimas baixas aos Aliados, e os *snipers* aliados a fazerem o mesmo com os alemães. Muito do tempo do *sniper* era passado a observar, especialmente se a força do inimigo era desconhecida, onde um tiro poderia causar uma retaliação massiva. (Pegler, 2012)

O combate em áreas urbanas era intenso, de tal modo que os *snipers* começaram a copiar uma tática soviética a de transportar Pistolas-Metralhadoras e granadas. Algo que os *snipers* odiavam era o barulho de lagartas, o que significava que algum carro de combate ou auto-propulsado estavam próximos e que geralmente contra eles a defesa era muito reduzida, a menos que o comandante fosse um pouco descuidado e se deslocasse na escotilha. Um bom *sniper*, um daqueles com uns nervos de aço poderia alvejar o periscópio do condutor, mas isso geralmente só fazia a mal maior. Por vezes não fazer nada é muito vantajoso (Pegler, 2011)

A medida que a resistência alemã diminui assim acontecia com a idade dos seu soldados, e este facto era especialmente brutal para os *snipers*, que apesar de serem seleccionados pela sua frieza e força psicológica facilmente ficavam afetados aquando de terem que abater um jovem por vezes com menos de anos, para salvar os seu camaradas, mas em abril entram os soviéticos em Berlim, o qual se tornaria exatamente igual a Estalinegrado do ponto de vista dos *snipers* e passadas sensivelmente duas semanas a 2ªGuerra Mundial na Europa terminaria. (Shore, 2012)

⁴⁰ São utilizados nas armas de precisão dos atiradores especiais, onde se torna especialmente importante não revelar a sua posição, seja pelo som, seja pelo clarão à boca. (Santos, 2011), ver figura 6 do Anexo A

4.3 A Guerra Fria

Com o final da 2ª Guerra Mundial muitos soldados simplesmente entregaram as armas e voltaram a vida civil, alguns nomeadamente *snipers* passaram a ser caçadores, mas muitos viram-se incapazes de pegar numa arma novamente, muitos dos quais sofreram daquilo que hoje se chama Stress Pós-traumático. Esta condição afetava os soldados em geral e os *snipers* em particular, devido a especificidade da sua forma de combater, de basicamente ter a vida do alvo na ponta do indicador. (McCoy, 2008a)

Se as armas já não eram necessárias, muito menos eram as capacidades dos *snipers*. No pós-guerra o *sniping* voltou a ser taboo devido ao clima anti-guerra que se vivia na Europa e deste modo poucos foram os que permaneceram ao serviço das respetivas Forças Armadas, mas acontece que em 1950 inicia a Coreia do Norte invade a Coreia do Sul e uma força multinacional foi constituída sobre a égide da ONU⁴¹ contento soldados de todo o mundo que armados com as armas que carregaram na Guerra que tinha acabado há 5 anos. Existe um ditado que afirma “aqueles que não lembram o passado estão condenados a repeti-lo” e neste momento não poderia ser mais verdade, porque virtualmente nenhuma nação da ONU tinha nas suas fileiras *snipers* treinados, uma repetição das duas ultimas guerras. (Pegler, 2011)

Quando a guerra alcançou um impasse e deteriorou-se em guerra de trincheiras, e homens da ONU começaram a cair como no inicio da 1ª Guerra viu-se a necessidade de reempregar os *snipers*, e assim começou-se novamente a formar programas e unidades de *snipers* para contrariar a ameaça comunista. Os Marines dos EUA foram os primeiros a destacar *snipers* no conflito, equipados com as M1903 usadas desde a 1ª Guerra, mas era melhor que não ter arma *sniper* nenhuma. Alguns *snipers*, como é o caso do Sargento de Armamento Roy Dunlap do USMC⁴², fizeram pressão para trazerem com eles as suas armas de tiro desportivo, a Winchester M70, que era em tudo superior à M1903 como arma *sniper*, possui um cano flutuante e pesado, um gatilho personalizado e montagens que mantinham bem o zero da arma, mas estas foram usadas em pouca quantidade comparativamente à M1903 e à M1-D. (McCoy, 2008a)

Quando anteriormente refere-se a “...virtualmente todas as nações da ONU...” a mais clara exceção a esta regra seriam os Australianos, estes chegaram ao conflito já a contar com o tipo de guerra que se iria travar, e como tal alocaram seções *sniper* cada

⁴¹ Organização das Nações Unidas

⁴² United States Marine Corps – Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos

companhia, os Canadianos também mantiveram alguns dos seus *snipers*, mas nem de perto na proporção que os Australianos tinham. A nível do armamento estariam como na guerra anterior, mas ao contrario do que estariam habituados, isto é, às densas selvas onde combateram no pacifico, a Coreia caraterizava-se por grandes extensões de terreno aberto e montanhosos os quais permitiam facilmente tiro superiores aos 200 metros que geralmente encontravam na 2ª Guerra. (Pegler, 2011)

4.3.1 As primeiras Espingardas de Longo Alcance

Não é para dizer que com uma .30 não houvesse tiro a grande distancia, ao longo do trabalho vêem-se exemplo de *snipers* a exceder os 1000 metros com estes calibres que supostamente têm um alcance efetivo na ordem dos 800 metros.

Durante a 2ª guerra já haviam sido usadas armas de grande calibre (>12.7mm) nomeadamente quando os *snipers* tinham que lidar com alvos blindados ou disparar através de obstáculos, como arvores e paredes, mas foi na Coreia que se começou a montar alças telescópicas nestas até agora designadas como Armas Anti-Carro e com resultados surpreendentes. Há registos de mortes na ordem dos 1600 metros (Pegler, 2011)

Estas novas armas seriam muito uteis no pouco que se pode considerar de *sniping* em áreas urbanas, uma vez que devido ao suas grandes e pesadas munições conseguiam perfurar facilmente a parede de uma casas, mesmo com os sacos de areia que muitas vezes se colocava a reforça-las. (McCoy, 2008a)

Contudo à exceção desta inovação, aquando do inicio da Guerra a tecnologia *sniper*, isto é, alças, armas, roupas, não tinham avançado um passo desde que a Alemanha invadiu a Polonia mais de 10 anos antes. (Pegler, 2008)

4.3.2 Guerras Localizadas

Se a ideia de conflito global estava virtualmente extinta, a existência de conflito não estava. Calcula-se que desde que o Japão se rendeu a 14 de agosto de 1945 que não houve um dia de paz na Terra. Sejam as guerras tribais em Africa, ou à luta de poderes na América do Sul, seriam estes conflitos localizados que definiriam a segunda metade do seculo XX, e muitas vezes grandes potencias como Rússia e EUA usavam estas guerras para promover as suas politicas ou mesmo testar armamento. (Pegler, 2009)

Com esta mudança, surge outra, o desejo pela autodeterminação, as colonias das potencias europeias estavam cada vez mais cientes e desejavam autogovernar-se e por

vezes o colonizador não o desejava o que resultava em conflitos, os quais viram muitas vezes a presença de forças da ONU. As quais novamente não deram a atenção necessária aos *snipers*, sendo que geralmente só os Marines americanos ou britânicos é que tinham alguma capacidade de empregar *snipers*. Isto devido à exigência que havia para o tiro dos homens. (Pegler, 2009)

Estas guerras por vezes viam uma disparidade de capacidades, sendo que havia um lado claramente superior ao outro e foi neste ambiente que nasce o *sniper* irregular, o qual não é muito díspar do *sniper* Boer. Um excelente exemplo disto passou-se em território Angolano em 1973, no auge da Guerra do Ultramar, onde houve um americano que foi recrutado por outros americanos a operar na região e deram-lhe a tarefa de perseguir e eliminar conselheiros dos rebeldes. Ele fora equipado com uma Winchester M70 e recebeu um pouco de treino destes recrutadores e disseram-lhe “faz de ti um problema e mata qualquer branco que ande com os rebeldes”⁴³, e assim ele fez, andou no meio do mato africano e causou serias baixas nos conselheiros russos e cubanos. Este não é o *sniper* de forças irregulares, é o *sniper* irregular porque não está afeto a uma força por assim dizer, simplesmente opera sob pagamento de alguém, posto simplesmente, um mercenário. (McCoy, 2007a)

Também foi neste ambiente que se começou a notar algum avanço, ou tentativa de avanço em equipamento especialista de *sniper*, isto é, a criação de armas e munições especificamente desenhadas para tiro de precisão. Contudo como com todas as inovações surgem obstáculos e esta viu pela frente o custo acrescido de produção de uma arma especialista e ainda mais a inserção de munições especiais no canal logístico. E com munições especiais não se refere ao caso da s.S. da 2ª guerra, mas sim de um calibre completamente diferente, como por exemplo .300 Win Mag. (Stirling, 2012)

Há de denotar um avanço significativo no armamento *sniper* com a introdução de espingardas de tiro semi-automático viáveis, como a FN FAL, a HK G3 e a M14 que com alguma modificação poderiam ser equipadas com alças o que as tornavam relativamente eficazes até aos 600 metros, mas com uma grande cadência de tiro, o que em combate urbano é geralmente prioritário. (McCoy, 2008b)

⁴³ “*make a nuisance of yourself, and kill anyone white that walks with the rebels*”

4.3.3 O emergir do terrorista

A segunda metade do século XX também viu o nascer de uma nova ameaça, o terrorismo, geralmente chamados de lutadores da liberdade, dependendo do ponto de vista. Na sua maioria estes grupos operavam usando explosivo, mas havia sempre um elemento de confronto, em particular em áreas urbanas, nas quais era regular contratarem locais para operarem como *snipers* irregulares, e que tinham como tarefa flagelar as forças estrangeiras. (Pegler, 2008)

Para os *snipers* dos exércitos regulares o CAU⁴⁴ era outra capacidade a adquirir e à medida que o século progride, acontece com cada vez mais frequência. O opositor do *sniper* regular poderá não ser tão bem treinado ou tão capaz quanto ele, mas isso não torna o trabalho mais fácil, isto porque em áreas urbanas existe uma grande presença civil o que torna o trabalho do *sniper* difícil, senão impossível. Isto conjugado com a dificuldade de localizar um disparo, devido aos ecos que ocorrem devido aos edifícios e a existência de uma grande diversidade de esconderijos e trajetos possíveis a usar. (Pegler, 2011)

4.3.4 Guerra do Vietname

A medida que pequenos conflitos ocorriam em todo o globo os problemas na Indochina que estavam a fermentar a mais de duas décadas começavam a dirigir-se para um grande escalar. Em dezembro de 1961 os EUA começaram a ajudar diretamente o ARVN⁴⁵ e à medida que o NVA⁴⁶ e VC⁴⁷ ganhavam vantagem os EUA decidiram intervir com forças no terreno que em finais de 1960 já alcançavam os 540.000 homens. (Pegler, 2009)

Para este conflito o Exército Americano trouxe consigo a M14, uma versão melhorada da M1 Garand, agora com carregador e tiro automático, mas seria uma arma de pouca duração. Em 1956 Stoner desenvolveu a AR-15 em calibre 5.56mm que para muitos era um calibre muito reduzido para eficazmente abater um homem, a menos que o atingisse na cabeça ou coração, além disso tinha muita dificuldade em perfurar obstáculos, algo tão simples como um ramo de uma árvore era muitas vezes o suficiente para parar o projétil, outro problema, este em particular para os *snipers* (não que houvesse muitos no Exército) era que tinha um alcance efetivo na ordem dos 300 metros, ou seja, além de ter

⁴⁴ Combate em áreas Urbanas

⁴⁵ *Army of the Republic Vietnam* – Exército da República do Vietname

⁴⁶ *North Vietnamese Army*

⁴⁷ Vietcong (um força de guerrilha)

considerável dificuldade em colocar um alvo fora de combate também há que o fazer em distancias que por vezes seriam desconfortáveis para o *sniper*. (McCoy, 2008b)

Uma alteração causada pela introdução da nova arma, designada por M-16 foi na doutrina do soldado, onde a precisão era completamente secundária ao volume de fogo, como tal a cultura da precisão no exercito americano tinha vindo num declínio progressivo, sendo que apenas caçadores ou desportistas é que tinham alguma capacidade, mas estes eram poucos e equipamento para eles era nulo. (McCoy, 2008b)

Contudo com o decorrer da guerra o Departamento do Exercito⁴⁸ percebeu as grandes lacunas na precisão dos soldados e em 1970 publicou a necessidade da aquisição de uma arma capaz de alcançar eficazmente as 1000 jardas. Voltaram-se para a M-14 em 7.62mm e montaram-lhe uma Alça com um telémetro⁴⁹ embutido eliminando assim (parcialmente) o trabalho de determinação de distancia por parte do atirador, nasceu assim a XM21⁵⁰. (Pegler, 2009)

Faltava ainda estabelecer o programa de treino e este foi inicialmente de umas miseras 46 horas passando aos 18 dias em 1969. Um elemento crucial deste programa era que os instrutores eram *Gunnery Sergeants*⁵¹ e muitos deles já haviam sido *snipers* na Coreia ou na 2ª Guerra Mundial. (Pegler, 2009)

Uma das tarefas agora incumbidas aos *snipers* era o de servirem de observadores do fogo da artilharia, e como tal a determinação de distancias era crucial pois poderia ter efeitos catastróficos. (Pegler, 2011)

O Norte também destacava os seus *snipers* que aparentemente teria um treino de 12 semanas, e apesar de serem quer em treino ou equipamento inferiores aos americanos, não deveriam ser subestimados. Deste modo o contra-*sniping* era muito importante, em particular na selva onde a vegetação esconde tudo todos e os americanos viam-se muitas vezes obrigados a pedir fogos indiretos para fazer face aos *snipers* do Norte. (McCoy, 2008a)

Neste conflito os EUA viram-se obrigados a alterar doutrina que os acompanharia até aos dias de hoje. Os soldados têm que saber atirar com precisão e o correto uso dos *snipers* poderia determinar os resultados de uma operação. Os *snipers* americanos infligiram tantas baixas que muitos viram a sua cabeça a premio, como é o caso de um dos

⁴⁸ *Department of the Army*

⁴⁹ *Rangefinder*

⁵⁰ Ver figura 7 do Anexo A

⁵¹ Posto E-7 da NATO

snipers mais famosos os *Gunnery Sergeant* Carlos Hathcock, que teria uma recompensa de 30.000 dólares⁵² caso fosse morto. (Pegler, 2011)

4.3.4.1 Equipamento

A introdução do supressor data ao início do século e não se consideram silenciadores porque para verdadeiramente silenciar um tiro há que fazer uso de munição subsónica o que limita o alcance. O uso de supressores era de interesse particular durante o período noturno, onde estes tornavam o clarão da arma virtualmente inexistente e a densidade da selva escondia o pouco som que emitia. (McCoy, 2008b)

Os *snipers* eram também auxiliados por outra tecnologia que já tinha evoluído consideravelmente desde a 2ª Guerra Mundial, aparelhos de visão noturna. Inicialmente o AM/PVS-1 e depois o AN/PVS-2 que permitiam detetar uma figura humana até cerca dos 400 metros, o qual para tiro noturno era o suficiente. A combinação destas duas tecnologias permitia ao *sniper* operar em virtualmente quaisquer condições e não fazia a relocalização tão crucial, mas não deixava de ser fundamental. Numa ocasião o *sniper* James Gibbore abateu 14 sentinelas do NVA sem que nenhuma se apercebe que estavam sobre fogo – “Pareciam patos...ninguém via nada...era uma piada o quão fácil era”⁵³-uma das vantagens destas novas alças era que eram passivas⁵⁴. (Pegler, 2009)

4.3.5 A Guerra das Falklands

Em 1982 o Reino Unido é surpreendido pela invasão argentina das Falklands⁵⁵ e rapidamente criaram uma força-tarefa para recuperar a posse das mesmas. Acontece que as Falklands são estéreis, rochosas e muito abertas, um verdadeiro paraíso para os *snipers* e os argentinos tinham nas suas fileiras alguns bem capazes. Numa ocasião um *sniper* argentino deteve durante mais de quatro horas uma companhia inteira de paraquedistas britânicos e tal como conta Ken Lukowiak (1993, p.251):

“se alguma vez estiveres sobre fogo sniper, deita-te esconde-te e rasteja até a lista telefónica mais próxima e procura nos S por sniper e chama qualquer um desse. Bem em Goose Green não havia cabines, mas havia um rádio e chamamos a única arma capaz que tínhamos, o sniper do batalhão”

Isto demonstra que a arma mais eficaz contra um *sniper* é outro *sniper*.

⁵² Sensivelmente 190.000 dólares atuais (Fonte:Dollartimes)

⁵³ “*They were like ducks...No one saw a thing...It was a joke how easy it was*”(Gibbore, 2001)

⁵⁴ Faziam uso da luz residual do ambiente, eram indetetáveis. (Ministry of Defense, 1995)

⁵⁵ Ou Malvinas de acordo com os Argentinos

Esta guerra também viu o uso alargado de Aparelhos de Visão Noturna, o problema passava que o que os argentinos usavam era ativo⁵⁶, ou seja, poderia ser detetado pelos equipamentos britânicos e para vários *snipers* argentinos isso significou a morte, pois conseguiam ver de noite, mas eram facilmente identificados e um *sniper* detetado é geralmente um *sniper* abatido. (Pegler, 2011)

Depois da experiencia ganha nas Falklands ficou claro ao exercito britânico que os dias da L42⁵⁷ e que um novo design tinha que surgir, exatamente qual era ainda incerto, mas foi influenciado pelo *Nemesis* Americano⁵⁸. (Pegler, 2009).

⁵⁶ Utiliza uma Iluminador de infra-vermelhos que é detetado pelo próprio aparelho (Ministry of Defense, 1995)

⁵⁷ Uma versão ligeiramente modificada Noº4 (T) da 2ª Guerra

⁵⁸ Vietname

CAPITULO 5 - O *SNIPER* MODERNO

5.1 O Novo Equipamento

Houve desde 1945 muito avanços que tornaram a vida do *sniper* mais fácil e ao mesmo tempo mais perigosa. Agora era extremamente móvel, com aeronaves tecnologia furtiva, salto HALO⁵⁹ com GPS⁶⁰, rádios HF, Moto4's. Isto era de uma importância extrema durante a Operação Tempestade no Deserto⁶¹, Afeganistão (2001-) e Iraque (2003-) onde a utilização de forças de operações especiais inclusive *snipers* onde o dano que causavam ao material conseguia ser mais importante que as baixas que causavam. Desde 1970 que os países se têm envolvido em conflitos de baixa intensidade e onde percebe que além do *sniper* se um especialista crucial no campo de batalha moderno, que a sua capacidade esta intrinsecamente ligada à arma e ótica que possui. (McCoy, 2008b)

Em 1977 os USMC revolucionaram o *sniper* ao desenvolveram uma arma dedicada ao *sniping* a M40-A1⁶² em 7.62mm com uma alça de 10x, foi um marco onde se passou de armas padrão modificadas para o *sniper* para uma arma desenhada para o *sniper*, a qual garantiria um 1ª impacto até aos 600 metros. O exercito americano não demorou muito tendo em 1988 adotado a M24 SWS⁶³, em tudo semelhante à dos Marines, com a particularidade e ter uma ação longa⁶⁴ que permitia a fácil adoção de munições Magnum como a .300 Win Mag e a .338 Lapua Magnum (Pegler, 2011)

Naturalmente que os EUA não estavam sozinhos nesta inovação pois os exércitos europeus estavam em finais de 1970 a testar armas comerciais para adoção como armas dedicadas de *sniper*, como os britânicos com a Parker-Hale M82⁶⁵, que viria a ser adotada pelo Canada, Nova Zelândia e Austrália. Em 1985 o Reino Unido adota a Accuracy International L96A1⁶⁶, que se provaria um dos melhores sistemas criados, contendo tal como a SWS a possibilidade de ser convertida em calibres Magnum. (Pegler, 2009)

⁵⁹ *High Altitude Low Opening*

⁶⁰ *Global Positioning System*

⁶¹ *Desert Storm*

⁶² Ver Figura 8 do Anexo A

⁶³ Ver Figura 9 do Anexo A

⁶⁴ *Long Action*

⁶⁵ Ver Figura 10 do Anexo A

⁶⁶ Ver Figura 11 do Anexo A

Em 2000 a Rússia viu-se envolvida em conflitos com os Separatistas Chechenos e quando Grozny foi invadida pelos chechenos as Forças Armadas Russas encontraram uma oportunidade para desenrolar operações em áreas urbanas como não existia desde Estalinegrado. Acontece que esqueceram muitas das lições dos seus pais, e negligenciaram a grande rede de esgotos e condutas que existiam em Grozny e que foram usadas com grande sucesso pelos *snipers* separatistas. Mas se é que há o que se pode chamar de bom em guerras civis, foi a existência de um campo de treino para os *snipers* russos em combate urbanos e são de tal modo considerados bons que muitos terminam o seu serviço e recebem propostas como *snipers* ‘irregulares’ ou para treinar forças, como por exemplo Israelitas. (McCoy, 2006)

5.2 *Sniping* de Grande Calibre

É naturalmente verdade que espingardas de grande calibre não são novidade para os *snipers* pois há registos do seu uso na 1ª e 2ª Guerra Mundial, e inclusive o Carlos Hathcock no Vietname efetuou uma morte a 2.286 metros⁶⁷ com uma munição 12.7mm. (Stirling, 2012)

Mas usar uma munição de tal dimensão para abater humanos parece um desperdício munições como a .338, .50 ou mesmo 20mm produzem muitos mais efeitos quando são usadas contra equipamento, no designado *sniping* anti-materiel⁶⁸, uma vez que uma munição que pode custar cerca de 4 euros pode destruir equipamento a valer milhões. (Stirling, 2012)

Alem desta vantagem usar armas de grande calibre para *sniping* tem muitas vantagens, primariamente a quase garantia que que é atingido não irá levantar, depois o alcance, muitas vezes superior aos 1600 metros e a penetração, pois consegue facilmente perfurar uma parede de cimento, um carro e proteção balística, tudo o que em áreas urbanas poderia arruinar um tiro ao *sniper*. (Stirling, 2012)

Melhoramentos em óticas e munições implica que o *sniper* agora possa obter máximo rendimento da sua arma. Telémetros laser que garantem precisão de leitura na ordem +/- 1 metro, estações meteorológicas portáteis e computadores balísticos, alças de visão noturna que permitem identificar um homem a mais de 1000 metros e munições que voam mais previsivelmente e conseguem os efeitos pretendidos no alvo. Estes avanços também tornaram o *sniper* mais vulnerável, nomeadamente o advento de câmeras térmicas

⁶⁷ Henderson, 2003

⁶⁸ Ver Figura 12 e 19 do Anexo A

que permitem detetar um *sniper* ainda que escondido, que poderá ser minimizado através de roupa espectral, ou seja, roupa que absorve as radiações emitidas pelo *sniper*. (Pegler, 2011)

Outro invento que é muito útil para o *sniper* urbano são as alças noturnas destacáveis como a Simrad KN250⁶⁹, que permite ao *sniper* usar a mesma alça diurna durante a noite e não impede a visão em condições de grande luminosidade. E novamente a evolução também opera contra o *sniper* com sistemas como o Boomerang⁷⁰ que determina a posição do atirador através do som da munição e do disparo, contudo é extremamente ineficaz em áreas urbanas devido aos ecos criados e é impreciso a detetar distancias superiores aos 500 metros. (Chang, 2008)

5.3 O Ambiente Atual

No pós-11 de setembro o combate alterou-se significativamente, onde o insurgente combate à distancia e sem hipótese de represália, ou pelo menos assim o era até aos comandantes no Afeganistão e Iraque aperceberem-se que eram equipas *sniper* que muitas vezes reportavam contato com o inimigo, isto porque o inimigo não esperava estar sobre observação. Deste modo a liberdade dada aos *snipers* para empenharem-se foi aumentando de tal modo que passaram a ser os olhos e ouvido da Coligação e não demorou a se considerar as guerras no Iraque e Afeganistão como Guerras de *Sniper*. (McCoy, 2007b)

Os comandantes valorizavam a habilidade dos *snipers* em observar sem ser observados e em reagirem a possíveis ameaças à força, sendo muitas vezes a primeira e única linha de defesa dos homens, como conta um *sniper* anónimo dos Marines:

“Quase imediatamente detetei movimento na janela do terceiro andar a umas 200 jardas...dois homens estavam a montar uma Metralhadora RPK. Eu sabia que o apontador do Amtrac não os tinha visto nem sabia que ali estavam, mas se eu gritasse abririam fogo...tinha de agir...confirmei distancia e abri fogo. O primeiro cai, o segundo olha para mim em espanto no tempo que opero o ferrolho e pressiono o gatilho novamente. Tomba para o solo e a arma escorrega para dentro do quarto...(Coughlin, 2005, p. 118)”

Assim as potencias ocidentais finalmente reconheceram o *sniper* pelo especialista que era e começaram a dedicar consideráveis recursos a rearmar e reequipar. O que ocorreu nestes novos teatros foi a constatação de antónimos, o *sniping* em áreas urbanas, a curto alcance e por vezes vários alvos em simultâneo com tiros a extremamente longa distancia das montanhas e desertos. A necessidade de maior cadencia de fogo já tinham

⁶⁹ Ver Figura 13 do Anexo A

⁷⁰ Ver Figura 14 do Anexo A

perturbado o *sniper* em Estalinegrado e nas Selvas do Vietname onde a ação de ferrolha era precisa, mas demasiado lenta. A solução apresentada em Estalinegrado era para os *snipers* carregarem uma segunda arma, mas num ambiente onde o *sniper* tem que ser móvel isso é inconcebível. A solução parecia já ter sido tentada e testada, a utilização de espingardas semi-automáticas como a Mk14 EBR, a M110 SASS, a L129A1 e a SVD Dragunov⁷¹ que permitiam, agora com o avanço da tecnologia, um tiro fiável até aos 1000 metros e um grande cadência de tiro, o que o *sniper* em CAU desejava. (Pegler, 2011)

A inabilidade de atingir alvos a longa distância persiste, e a 12.7mm não é a solução ideal, isto devido ao grande volume de gases e recuo que liberta o que a tornam desagradável de disparar e geralmente com pesos superiores aos 10kg, de transportar. A solução para este problema surge com a .338 Lapua, que preenche o espaço entre a 7.62mm e a 12.7mm e é recordista, sendo que em 2009 em Musa Qala no Afeganistão o Cabo britânico Craig Harrison atingiu dois insurgentes a uma distância de 2.475 metros, muito para além do alcance efetivo da arma (1600 metros). Deste modo ainda não é possível armar o *sniper* para todas as tarefas com uma só arma, simplesmente há que o armar com a armas mais provável de ser a melhor para a tarefa.(Pegler, 2011)

Apesar de todas estas inovações e avanços tecnológicos que facilitam em muito o trabalho do *sniper* ao executar rapidamente cálculos e medições que permitem ao *sniper* moderno abater o alvo com maior rapidez e certeza no impacto, o treino é ainda ministrado como era na 2ª Guerra e no Vietname, com o *sniper* a julgar distâncias por métodos expeditos, a calcular correções a mão e em papel de modo a que caso a tecnologia falhe, o homem não falhará. (Brown, 2013).

⁷¹ Ver figuras 15, 16, 17, 18, respetivamente, do Anexo A

CONCLUSÕES

No presente capítulo iremos explicar as conclusões resultantes da investigação, respondendo às questões e hipóteses formuladas inicialmente.

Com o intuito de saber as origens do *sniper* e as capacidades que possuiu fizemos a seguinte questão derivada: *Quais as capacidade e emprego do Sniper do seculo XX?* O *sniper* do seculo XX viu-se esquecido de guerra para guerra e o seu treino foi fundamentalmente criado durante o conflito. Com isto dito consideramos que muito foi corretamente ministrado, dando um especial enfase à camuflagem e capacidade de observação. É verdade que ao longo do trabalho é possível observar que nem todos os países seguiam esta regra, como é o caso dos EUA que até ao seculo XXI deram sempre predominância ao tiro, mas com o decorrer do tempo e dos conflitos perceberam o quão inestimável é o *sniper* para a obtenção de informações. É também de notar que as capacidades do *sniper* do seculo XX são mais devido à habilidade do homem que ao equipamento, com alças a enovar, e armas desenhadas com tudo menos precisão em vista, os *snipers* tinham-se a si mesmos como o elemento mais útil do sistema, não havendo uma particularidade no emprego em áreas urbanas, à exceção levantada em Estalinegrado de os *snipers* terem que se fazer acompanhar por uma maior cadencia de fogo devido aos combates a curta distancia que regularmente ocorriam.

A hipótese que consideramos: *O sniper do seculo XX era predominantemente utilizado em apoio a infantaria e como observador, a sua capacidade destacava-se por possuir equipamento superior à infantaria regular.* A hipótese verifica-se parcialmente, pois é verdade que fora a sua principal função durante o seculo XX, mas que houve diversas ocasiões onde foram usados como arma dedicada contra-*sniper* o que não fora abordado na hipótese. Relativamente à sua capacidade verifica-se que a hipótese não foi verificada, isto porque muitos *snipers* foram extremamente eficazes com o mesmo equipamento da infantaria, isto é, sem alças telescópicas, mas que devido ao seu treino conseguiam tirar o máximo proveito do armamento e do ambiente e como tal serem muito mais eficazes que a infantaria.

Apontado para encontrar em que culminou a evolução do *sniper* levantamos a seguinte questão derivada: *Quais as capacidades e emprego do sniper moderno?* Verifica-se que o *sniper* moderno é predominantemente utilizado para observação sendo que abre

fogo ocasionalmente, dado que atualmente não será a sua tarefa principal, apesar de ainda o ser fundamental, é também possível verificar que no ambiente atual o seu papel como observadores e primeira força de reação a ameaças. A sua capacidade está diretamente relacionada a evolução da tecnologia o que lhe permite atingir alvos mais longe, com maior letalidade e garantia de impacto, a qual também o obriga a evoluir ao fornecer aos seus inimigos avançados meios de detecção mas que em áreas urbanas tornam-se significativamente menos eficazes

A hipótese que desenvolvemos foi a seguinte: *“O sniper moderno é empregue de forma inovadora devido ao incremento tecnológico que o acompanha, deste modo a dependência da tecnologia implica que existem lacunas na sua formação e emprego.”* Esta hipótese não se verifica uma vez que o emprego não se alterou significativamente, mas as capacidades sim sendo que muito do que se constata como atualmente possível pelos *snipers*, sejam os regulares impactos em distancias superiores aos 1000 metros ou à capacidade de operar à noite como se de dia se tratasse são resultantes da evolução tecnológica, contudo isso não implica que o homem não sejam um especialista ao nível ou quiçá superior aos seus antecessores. O acompanhamento da tecnologia não implicou lacunas na formação nem emprego uma vez que os *snipers* são ensinados a maximizar o seu equipamento, mas sem nunca depender inerentemente do mesmo.

Respondendo à questão central, *“Existirão valências perdidas pelo Sniper no decorrer do tempo que aplicadas atualmente tornem o Sniper num meio ainda mais eficaz aquando do emprego em Áreas Urbanas?”* Ao longo do trabalho é possível constatar que a evolução do *sniper* tem sido constante e compreensiva e como tal não existem valências verdadeiramente perdidas, apenas uma adaptação ao conflito e à tecnologia existente. A formação do *sniper* moderno é feita nos mesmo moldes do século passado, havendo uma inserção de novas tecnologias, mas das quais o *sniper* é ensinado a não estar dependente e o mesmo se aplica no que concerne às áreas urbanas. As áreas urbanas são um ambiente particular onde o *sniper* tem o seu trabalho redobrado isto porque a possibilidade de combate próximo é alta e um *sniper*, historicamente falando, não possui grande volume de fogo, contudo é de notar que já na 2ª Guerra Mundial os *snipers* em áreas urbanas levavam armas que lhes forneciam esse poder de fogo. A evolução do armamento permite que o *sniper* moderno consiga transportar consigo o poder de fogo e a arma *sniper* num elemento só, a atuais espingardas de tiro semi-automático.

Uma das particularidades observadas dos conflitos atuais é a dificuldade de distinguir insurgente de civil e a inerente necessidade de limitar os danos colaterais,

particularmente em áreas urbanas, e é aqui que o *sniper* moderno fez-se valorizar, como uma arma de precisão no seio das cidades que permitem às forças avançar ao saber que os têm a observar e proteger e aos comandantes a confiança de os empregar ao consciencializarem-se que só o alvo irá ser atingido sem o perigo de danos indesejados.

Identificamos como principal limitação a esta investigação grande a falta de documentação específica de *sniping* em áreas urbanas, nomeadamente o emprego dos *snipers* devido à mesma ser ainda classificada, sendo que existe muita literatura acerca da temática *sniping* mas muito pouca relativamente ao seu emprego e treino específico em áreas urbanas. Como tal, este tema deverá e será certamente alvo de investigações futuras, uma vez que número de conflitos em áreas urbanas é crescente e o emprego adequado do *sniper* neste tipo de ambiente é crucial. Assim, recomenda-mos que este trabalho fornece uma boa base, em feitiço de resumo histórico do *sniper*, e aquando da desclassificação da literatura deverá ser novamente abordado.

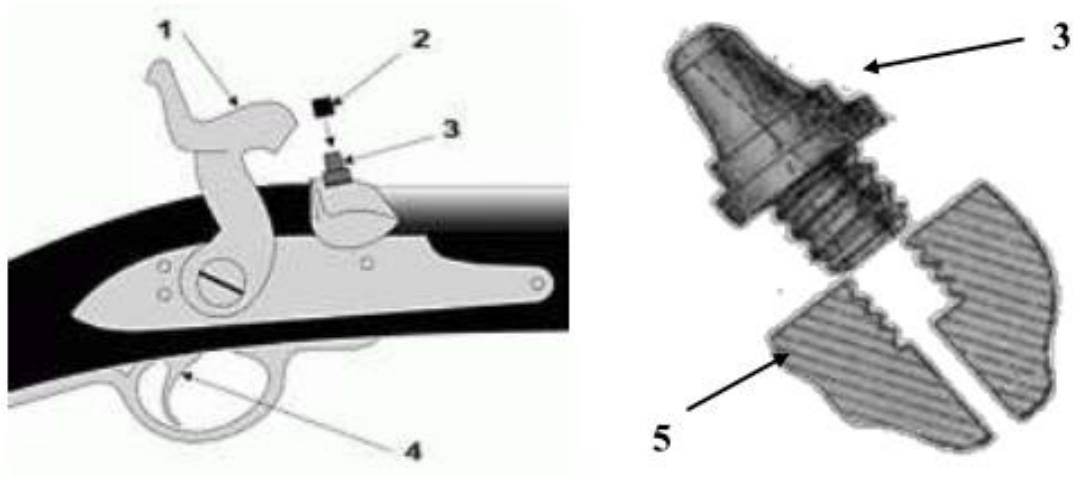
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brandon, R. (1953). *The Naked Island*. London.
- Brown, R. (2013). *Guide to Super Sniper*. Skyhorse. New York: Skyhorse Publishing.
- Busyatskiy, C. (1942). *The Soviet Sniper's Handbook*. Moscow.
- Chang, T. (2008). The Battle of Fallujah: Lessons Learned on Military Operations on Urbanized Terrain (MOUT) in the 21st Century, 31–38.
- Cormerais, S. (1920). *The History of Infantry Regiment No70*. Lille.
- Coughlin, J. (2005). *Shooter*. New York: St Martin's Press.
- Department of the Army. [DOA] (2002). *Sniper Training*FM 23-10*. Washington: DOD.
- Department of the Army. [DOA] (2006). *FM 3-06 Urban Operations*. Washington: DOD.
- Department of the Army. [DOA] (2008). *Field Manual 3-22.9 Rifle Marksmanship*. Washington: DOD.
- Department of the Navy. (1999). *U.S. Marine Scout/Sniper Training Manual*. Washington: Desert Publications.
- Exército Português. (2012). *Publicação Doutrinária do Exército 3-00 Operações*. Lisboa: EME.
- Gibbore, J. (2001). *Soldier*. New York: Brunbage Publishing.
- Henderson, C. (2003). *Silent Warrior*. Washington: Berkley Books.
- Instituto de Estudo Superiores Militares. [IESM] (2014). *Orientacoes Metodologicas Para Investigação*. Lisboa.
- Johnson, J. (2016). The Pros and Cons of Subsonic Cartridges. Acedido a 12 de abril de 2017, em <http://www.fieldandstream.com/articles/hunting/2016/04/the-pros-and-cons-of-subsonic-cartridges>
- Ken Lokowiak. (1993). *A Soldier's Song*. London: Secker and Warburg.
- Kern, E. (1951). *Dance of death*. London.
- McCoy, B. (2006). *Soviet Sniperism*. New York: Quikmaneuvers.

- McCoy, B. (2007a). *Deadly Snipers*. New York: Quikmaneuvers.
- McCoy, B. (2007b). *Muslim Snipers , Iraq Islamic Sniper Propaganda*. New York: Quikmaneuvers.
- McCoy, B. (2008a). *Death by Precision Fire*. New York: Quikmaneuvers.
- McCoy, B. (2008b). *Precision Fire Sniper Kill*. New York: Quikmaneuvers.
- Ministry of Defense. (1904). *General Annual return of the British Army for 1902 and 1903*. Leeds: Pattern Room Library.
- Ministry of Defense. [MOD] (1995). Night Vision Devices. Retrieved April 10, 2017, from [http://www.drdo.gov.in/drdo/data/NIGHT VISION DEVICES.pdf](http://www.drdo.gov.in/drdo/data/NIGHT_VISION_DEVICES.pdf)
- NATO Standardization Agency. [NSA] (2015). *ATP-XX URBAN OPERATIONS TACTICS*. NATO Standardization Agency.
- Oregon Hunter. (2016). Oregon Hunter Ed Course. Acedido a 25 de março de 2017 em https://www.hunter-ed.com/oregon/studyGuide/Snap-Shooting/201038_700020790/
- Pegler, M. (2008). *The Military Sniper since 1914*. Oxford: Osprey Publishing.
- Pegler, M. (2009). *Sniper, A History of the US Marksman*. Oxford: Osprey Publishing.
- Pegler, M. (2011). *Out of Nowhere*. Oxford: Osprey Publishing.
- Pegler, M. (2012). *The Sniper Anthology, Sniper of the Second World War*. South Yorkshire: Frontline Books.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Vasa. Paris: Dunot.
- Santos, R. (2011). *M211 - Elementos de Armamento, Manual do Aluno*. Lisboa: Academia Militar.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusitana.
- Sasser, C. (1990). *One Shot, One Kill*. New York: Pocket Books.
- Shore, C. (2012). *With British Snipers to the Reich*. South Yorkshire: Frontline Books.

- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios - segundo Bolonha (5ª)*. Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Stirling, R. (2012). *Special Forces Sniper Skills*. Oxford: Osprey Publishing.
- US History Online. (2012). Island Hopping. Acedido a 5 de abril de 2017, em <http://www.u-s-history.com/pages/h1671.html>
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Zabecky, D. (2014). From the coast to the Bocage. The invasion of Normandie. Acedido a 18 de abril de 2017 em <http://www.historynet.com/topography-is-destiny-from-the-beaches-to-the-bocage-normandys-terrain-shaped-the-fortunes-of-battle.htm>
- Zaytsev, V. (1944). *There is no Land For Us Beyond the Volga*. Moscow: MOD Pattern Room Library.

ANEXO A - EQUIPAMENTO



1-Martelo; 2-Capsula Fulminante; 3 Chaminé; 4-Gatilho; 5-Borracha

Figura 1 – Fecho de Percussão

Fonte: Santos, R. (2011). *M211 - Elementos de Armamento, Manual do Aluno*. Lisboa: Academia Militar



Figura 2– Fato *Ghillie*

Fonte: <http://www.snipercentral.com/lovat-scouts-sharpshooters/>



Figura 3– Replica moderna do Fato “amoeba”

Fonte: <http://www.soviet-power.com/russian-wwii-military-camo-uniform-amoeba-summer-WW2.html>



Calibre: .303 (7.7x56mm)

Alcance Efetivo: 800 Metros

Capacidade: 10 munições (Ação de Ferrolho)

Figura 4– Sniper Britânico na 2GM com um SMLE No4 (T)

Fonte: <http://www.thetruthaboutguns.com/2015/01/daniel-zimmerman/gun-review-lee-enfield-smle-mk-iv/>



M1C Cal. .30-06 Sniper Rifle with M84 Telescope



M1D Cal. .30-06 Sniper Rifle with M84 Telescope

Calibre: .30-06 (7.62x63mm)

Alcance Efetivo: 800 Metros

Capacidade: 8 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 5 - Espingardas M1-C e M1-D

Fonte: <http://www.snipercentral.com/us-m1c-m1d/>

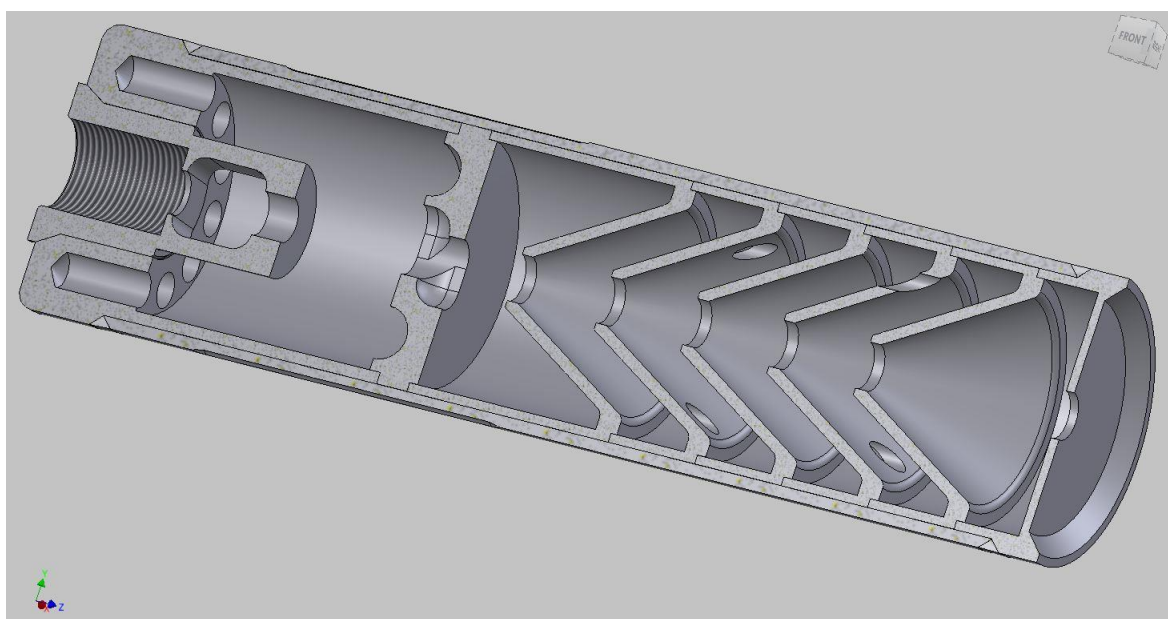


Figura 6– Esquema de um supressor

Fonte: <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/838748.pdf>



Calibre: 7.62x51mm NATO

Alcance Efetivo: 800 Metros

Capacidade: 20 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 7– Soldado Americano com XM21 no Vietname

Fonte: <http://m14forum.com/m14/24161-xm21-sniper-rifle-vietnam-pic.html>

Sistema muito pratico para o combate na selva, onde o som dispersa e a cadencia de tiro tende a ser prioritária devido ao alcance que se desenrolam os combates.



Calibre: 7.62x51mm NATO

Alcance Efetivo: 800 Metros

Capacidade: 5 munições (Ação de Ferrolho)

Figura 8– Chuck Mawhinney com a sua M40-A1

Fonte: Pegler, M. (2011). *Out of Nowhere*. Oxford: Osprey Publishing.

A primeira espingarda criada para uso desportivo que foi adotada pelos Marines americanos.



Calibre: 7.62x51mm NATO/ .300 Win Mag/ .338 Lapua Magnum

Alcance Efetivo: 800 Metros/1200 metros/ 1600 metros

Capacidade: 5 munições/ 3 munições (Ação de Ferrolho)

Figura 9– Marine Scout/Sniper em Treino

Fonte: http://www.militaryfactory.com/smallarms/detail.asp?smallarms_id=87

O Sistema padrão do *sniper* do exercito americano. Destaca-se pela simplicidade e pela flexibilidade de optar pelo calibre.



Calibre: 7.62x51mm NATO

Alcance Efetivo: 800 Metros

Capacidade: 5 munições (Ação de Ferrolho)

Figura 10– Espingarda de ferrolho Parker-Hale M82

Fonte: <http://www.snipercentral.com/canadian-c3a1-c3-parker-hale-m82/>

Adotado nomeadamente pelo Exército e Polícia Canadiana, mostrou uma boa precisão, especialmente quando foi introduzida no mercado.



Calibre: 7.62x51mm NATO/ .300 Win Mag/ .338 Lapua Magnum

Alcance Efetivo: 1000 Metros/1200 metros/ 1600 metros

Capacidade: 5 munições (Ação de Ferrolho)

Figura 11— *Sniper* de Operações Especiais Português com uma L96A1

Fonte: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-03-16-Profissao-Sniper-7>

Questionavelmente, o melhor sistema *sniper* em uso, mas detém o recorde da morte mais distante em combate. Não a L96A1 em 7.62 NATO mas sim a L115A3 em .338 LM que é basicamente o mesmo sistema, mas com um calibre maior.



Esquerda para a direita. 5.56x45mm NATO, .338 Lapua Magnum, 12.7x99mm NATO, 20x102mm Anzio

Figura 12– Diversidade de munições

Fonte: <http://www.anzioironworks.com/20MM-TAKE-DOWN-RIFLE.htm>

Não são os calibres exclusivos para o *sniper* mas serve para termos uma noção da variedade que está disponível.



Figura 13– Alça de visão noturna Passiva Simrad KN250

Fonte: <http://www.pgmprecision.com/en/light-intensification/84-vinghog-kn200-kn250.html>

Destaca-se além da sua ótima resolução, pela capacidade de permitir o uso da alça normal da arma, assim como não encadear o atirador quando surge uma fonte de luz intensa.



Figura 14– HMMWV com Sistema Boomerang

Fonte: <http://www.raytheon.com/capabilities/products/boomerang/>

Deteta a direção do tiro e a distancia calculando a diferença ente o “crack” supersónico do pojetil, e o som do disparo da arma. Contudo é muito ineficiente em áreas urbanas ou em longas distancias, assim como é praticamente inútil se o atirador estiver a usar um supressor.



Calibre: 7.62x51mm NATO

Alcance Efetivo: 1000 Metros

Capacidade: 20 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 15– Marine Scout/ Sniper com MK14 EBR

Fonte: http://www.militaryfactory.com/smallarms/detail.asp?smallarms_id=377

Uma primeira tentativa de criar uma arma de tiro semi-automatico desenhada especificamente para o uso *sniper*, apesar de não ser tão precisa como a M110, é mais leve em cerca de 1.5kg, o que a torna muito útil para uso em patrulhas.



Calibre: 7.62x51mm NATO

Alcance Efetivo: 1000 Metros

Capacidade: 20 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 16- Soldado do Exército dos EUA com uma M110 SASS no Iraque

Fonte: http://www.militaryfactory.com/smallarms/detail.asp?smallarms_id=246

Desenhada de raiz para uso por *snipers*, esta espingarda permite agrupar tiros num raio inferior a 4cm aos 100 metros. a sua elevada capacidade e cadencia fez-la uma favorita entre os *snipers* americanos a operar no Iraque.



Calibre: 7.62x51mm NATO

Alcance Efetivo: 1000 Metros

Capacidade: 20 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 17– Paraquedista britânico com uma L129A1

Fonte: http://www.militaryfactory.com/smallarms/detail.asp?smallarms_id=597

Uma variante da HK 417, permite ao atirador grande volume de fogo sem sacrificar em demasia a precisão característica do *sniper*. Na imagem está com uma alça de baixa ampliação ACOG 4x.



Calibre: 7.62x54mmR

Alcance Efetivo: 800 Metros

Capacidade: 10 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 18— Soldado Russo equipado com Dragunov SVD

Fonte: <http://www.dragunov.net/svd.html>

Não foi desenhada como arma *sniper*, foi sim desenhada para permitir a cada pelotão um atirador com maior alcance (*marksman*).



Calibre: 12.7x99mm NATO

Alcance Efetivo: 2000 Metros

Capacidade: 10 munições (Tiro Semi-automatico)

Figura 19– Sniper equipado com Barrett M82A1

Fonte: <http://www.snipercentral.com/barrett-m-82a1-xm107/>

De destacar o grande volume de fogo que é possível empregar com esta arma. Desenhada para derrotar blindados ligeiros, é capaz de abater um homem a mais de 2000 metros assim como material crítico (RADAR, motores, etc). em áreas urbanas a sua penetração e cadencia de tiro tornam-na extremamente eficaz, mas o som e onda de choque que liberta poderão denunciar a posição do atirador.